



Leituras de S. João

POR
DONATIEN MOLLAT S.J.

1

Única edição autorizada em Portugal

Edição revista em 2011

INTRODUÇÃO

I - O autor do quarto Evangelho. A sua vida. A sua personalidade

O quarto Evangelho não nomeia o autor. A este respeito professa mesmo certa intenção de anonimato. Não obstante, a conclusão do livro (21,24) refere-se explicitamente à personalidade de determinado discípulo “*que testemunha estes factos e os escreveu*”.

Quem é este discípulo? O texto acima identifica-o como “*o discípulo que Jesus amava, aquele que, durante a ceia, se inclinara sobre o seu peito e lhe perguntara: “Senhor, quem te vai entregar?”*” (21,20; cf. 13-25); o mesmo que, no Calvário, tomou ao seu cuidado a Mãe de Jesus (19, 26 s.) o que, na manhã de Páscoa, acorreu, com Pedro, ao túmulo de Cristo, entrou, viu os panos e acreditou na ressurreição do Senhor (20, 2-10).

Sobre a identidade deste discípulo, querido a Jesus entre todos o autor do Evangelho, a tradição pronunciou-se. Ela designa, quase sem sombra de dúvida, S. João. Os testemunhos explícitos atribuindo a S. João o quarto Evangelho não remontam, na verdade, senão ao fim do II século mas a declaração formal de Santo Irineu de Leão a este respeito baseia-se no facto de Irineu ter conhecido São Policarpo, bispo de Esmirna, ele mesmo discípulo de S. João. A cadeia, aqui, tem somente 2 elos.

O próprio conteúdo do Evangelho confirma este testemunho pelo facto de os 2 filhos de Zebedeu, Tiago e João, estarem envolvidos em silêncio. Silêncio que surpreende por duas razões: Sabe-se de facto, o lugar de eleição que os dois irmãos ocupam nos Evangelhos sinópticos e é notório, por outro lado, que o quarto Evangelho é aquele que menciona mais vezes o nome dos apóstolos. O enigma deste silêncio que rodeia os filhos de Zebedeu soluciona-se se o autor for, precisamente um deles e, neste caso, não pode deixar de ser João. De resto, a situação privilegiada atribuída no Quarto Evangelho ao *discípulo que Jesus amava*, coaduna-se bem com a posição de destaque que os Evangelhos sinópticos reconhecem aos filhos de Zebedeu.

Os evangelhos dão-nos algumas indicações preciosas sobre a vida e a personalidade de S. João. Filho de Zebedeu e de Salomé (Marcos 1, 19 s.; 15,40; Mateus 27,56), irmão de Tiago, João exercera com o pai e o irmão, o mister de pescador no Lago de Genesaré. Tornou-se, ao que parece, discípulo de João Baptista, e contactou com os meios espirituais donde emanaram os documentos descobertos em Quiran anos atrás. Isto explicaria mais de um traço da sua obra.

O quarto Evangelho narra-nos o primeiro encontro com Jesus (1, 35, 39) – se admitirmos pelo menos que é ele próprio o companheiro de André nesse dia¹ – os evangelhos sinópticos narram-nos a sua vocação propriamente dita (Marcos 1, 19 s.). Estes mencionam a sua presença, na companhia de Pedro e de seu irmão Tiago, na ressurreição da filha de Jairo (Marcos 5,37), na Transfiguração (Marcos 9, 2), no sermão sobre a ruína do Templo e o fim do mundo (Marcos 13, 3), na agonia (Marcos 14,33). É salientado o seu comportamento na última ceia, durante a Paixão e na manhã de Páscoa. Voltamos a encontrá-lo na pesca miraculosa, também na companhia de Pedro (21, 2.7.20-23).

O livro dos Actos completa o retrato. S. João aí reaparece com S. Pedro entre os principais Apóstolos. A seguir à cura do coxo impotente da Porta Especiosa, é preso, ainda com S. Pedro, conduzido ao Sinédrio e solto (Actos 3, I – II; 4, 3.13.19). Com S. Pedro, visita a Igreja nascente na

¹ Alguns exegetas põem-no em dúvida, por exemplo o Padre Boismard – Du Baptême à Cana, Paris 1956.

Samaria e evangeliza a região (Actos 8, 14.25. S. Paulo denomina-o, juntamente com Tiago e Cefas, uma das colunas da Igreja (Gálatas, 2,9).

Vários autores cristãos do século dois afirmam que S. João se fixou em Éfeso e aí governou as Igrejas da província romana da Ásia. Pode calcular-se com alguma verosimilhança, entre 67 e 70, a data da sua vinda, depois do apostolado de Paulo e Timóteo em Éfeso e antes do fim da guerra judaica. Exilado no tempo de Domiciano (81 – 96) na ilha de Patmos, João teve aí visões que descreveu no Apocalipse (Apocalipse 1,9). De regresso a Éfeso, depois da morte de Domiciano, governou as Igrejas da Ásia até morrer. S. Jerónimo descreve-o, no fim da vida, tão enfraquecido pela velhice que era necessário transportá-lo à assembleia cristã. E uma vez lá, demasiado debilitado para poder fazer longos discursos, limitava-se a repetir: “Filhinhos, amai-vos uns aos outros”. Como, por vezes os fiéis se cansavam de tanta repetição, respondia-lhes: “É o mandamento do Senhor e é o suficiente se se cumprir”. Morreu em Éfeso, de idade avançada, no reinado de Trajano (98 – 117).

Nos evangelhos sinópticos o carácter de S. João revela-se ardente e impetuoso. Quando Jesus o convida a segui-lo não tinha semelhança alguma com aquele jovem adocicado, que tantas vezes, nos é apresentado.

Não foi sem razão que Jesus o chamou, como a seu irmão Tiago, Boanerges, quer dizer, filho do trovão (Marcos 3, 17). Vemo-lo indignar-se por um indivíduo estranho ao grupo apostólico expulsar os demónios em nome de Jesus (Marcos 9,38 s.). Ele e o irmão propõem, certo dia, fazer cair o fogo do céu para destruir os Samaritanos inospitais (Lucas 9, 51-55). De acordo com a mãe e o irmão, luta para conseguir o primeiro lugar no reino (Mateus 20, 22-23). O teólogo protestante K. Barth fala, com razão, duma alma de fogo e furacão. Este temperamento transparece no quarto Evangelho, como no Apocalipse. Mais ainda que nos sinópticos, a vida de Jesus toma aqui o aspecto de um drama assombroso (1,12; 13, 37).

II - O fim e os destinatários do Evangelho

É comum admitir-se que S. João compôs o Evangelho em Éfeso, no final do I século. Entretanto, cada vez é maior a tendência de ver nele, ao mesmo tempo, o resultado de lenta elaboração e como que o reflexo do longo ministério de S. João, compondo-se de elementos de épocas diferentes, retoques, complementos, de diversas redacções num mesmo ensino. Mais abaixo dar-se-á um exemplo, por alturas dos capítulos 15 e 16.

Talvez mesmo a parte final não seja de S. João. A conclusão do capítulo 21 poderia ter sido redigida por um grupo de discípulos do apóstolo, talvez editores da sua obra. Ignoramos a importância da intervenção deles na redacção e ordenação do Evangelho. Alguns dão-lhe grande extensão, fazendo ideia complexa da composição do quarto Evangelho e, mesmo atribuindo a João a origem e a concepção fundamental do livro, falam de tradições joânicas ou da escola joânica integrada na elaboração final.

A conclusão do Capítulo 20 define claramente o objectivo geral do Evangelho. O autor quis, graças à escolha de alguns acontecimentos significativos, despertar a fé em Jesus, Messias e Filho de Deus, e conduzir os homens à vida, pela fé (20, 20 s.).

Os exegetas somente divergem quando se trata de determinar os destinatários e o objectivo imediato. Alguns atribuem fins missionários ao quarto Evangelho. A obra seria um livro de propaganda cristã. Segundo uns, esta propaganda visaria o mundo helenístico pagão culto, aberto às realidades

religiosas. Segundo outros, dirigir-se-ia aos judeus dispersos fora da Palestina, nas regiões de cultura helenística. Para eles demonstraria S. João que Jesus é o Messias.

Parece mais provável que o Evangelho tenha sido composto para os próprios cristãos. A fórmula: para que acrediteis (19,35; 20, 31), sobre a qual se apoiam os partidários da interpretação missionária, não visa obrigatoriamente os descrentes, que se tentaria conduzir à fé, mas pode aplicar-se aos cristãos que não foram, como João, testemunhas dos factos e que acreditam e acreditarão, sem ter visto (20, 29). João escreve para iluminar, alimentar e aprofundar a sua fé, talvez também para a defender, como afirma S. Irineu, contra algumas doutrinas que negavam a autenticidade plena da Encarnação.

O quarto Evangelho tem pois, segundo parece, um fim primariamente pastoral. Dirige-se à Igreja animada pela fé em Cristo e vivendo os seus sacramentos. O Objectivo, segundo o. Cullman, é *“traçar a linha que liga o Cristo da história, ao Cristo Senhor da Igreja, no qual se processa a encarnação do Logos”*. João propõe-se ajudar os cristãos a descobrirem nos acontecimentos da vida de Cristo a presença e originalidade dos mistérios de graça e de verdade (1, 14.17), de que se tornariam beneficiários pela fé e pelos sacramentos.

No decorrer da sua longa vida, S. João viu a sua experiência evangélica aprofundar-se e expandir-se na vida da Igreja. Durante estas poucas dezenas de anos que se seguiram à morte e à ressurreição de Cristo viu a vida do Mestre desenvolver-se nas obras ainda maiores (14, 12) dos seus discípulos – e verdadeira cepa levar o seu fruto nos ramos (15, 5). Os sinais e as palavras de Jesus tornaram-se mais claros (2, 18-22; 7, 37-39; 12, 12-16; 16, 25). No momento em que João escreve, no final do I século da era cristã, o mandamento de Cristo começa a iluminar o mundo com a luz do novo dia, cujo lar vivo é a comunidade dos cristãos (I João 2, 8). O quarto Evangelho não pretende ser senão a vida de Jesus escrita a esta luz, e testemunha simultaneamente a vida de Cristo sobre a terra e a sua presença e acção na comunidade dos discípulos. A iluminação é recíproca: A vida da Igreja sempre subjacente no Evangelho; reenvia, como à sua fonte, ao Jesus da história, e o Jesus da história, do qual se repetem os sinais e as palavras, reenvia sem cessar à vida da Igreja, como seu fruto: *“Neles, sou glorificado”* (17, 10). O mistério do Cordeiro, celebrado pelos cristãos na Eucaristia, não seria efectivamente nada sem a imolação histórica de Cristo no Calvário; mas, em compensação, que significaria esta imolação, se a água e o sangue que brotaram do lado do Cordeiro não cessassem de fecundar a Igreja e de comunicar aos Cristãos os dons do Espírito? Que seria o mistério das bodas de Caná, se não se continuasse incessantemente no mistério das bodas messiânicas de Cristo e da Igreja? Tal é uma das instituições fundamentais de S. João que deverá orientar constantemente a nossa leitura deste Evangelho. É um “Evangelho eclesial”. Nos sinais, nas palavras de Jesus de Nazaré, descobriremos sempre em filigrana o mesmo Jesus vivo, presente e agindo entre nós, manifestando hoje a glória pelo seu Espírito (16, 14).

No entanto pode conceder-se aos partidários da interpretação missionária que este Evangelho eclesial se dirige, num sentido muito verdadeiro, a todo o homem e que em todo o homem encontra eco. De todos os Evangelhos é o mais universalista, em razão da profundidade de compreensão que João teve do mistério de Cristo. O Cristo que propõe à nossa fé e adoração é o Verbo, por quem tudo foi criado (1, 3) a luz que ilumina todo o homem (1, 9), o Filho único que revela o Pai (1, 18), cujo amor abraça o mundo (3, 16). A religião em espírito e em verdade (4, 23 s.), ensinada por Jesus ultrapassa todos os limites, vira do avesso todos os privilégios e não conhece senão o homem na sua vocação radical de filho de Deus (II, 52). Os bens prometidos correspondem às aspirações mais fundamentais do

ser humano: o pão, a fonte de água viva, a luz, a verdade, o amor, a vida. Nenhum é excluído. Como a Sabedoria do Antigo Testamento, o Cristo joânico, está na encruzilhada dos nossos caminhos e convida todos os homens a vir a ele: “Se alguém tem sede, venha até mim...(7, 37)”. “Eu sou o Pão da Vida”. “Aquele que vem a Mim nunca mais terá fome, e aquele que acredita em Mim jamais terá sede” (6,35), etc. Nenhuma condição é posta à aquisição destes bens a não ser a fé, isto é, a entrega total e absoluta de si próprio a Jesus (9, 35 s.). Esta orientação universal do Evangelho aparece claramente na oração sacerdotal de Cristo antes da Paixão, em que pede, no momento de oferecer o seu sacrifício, pela “unidade” dos seus discípulos. Não é porque os queira ver concentrarem-se sobre si mesmos, mas para que se tornem a revelação e o lar ardente de amor para todos os homens: “Que todos sejam um como tu, ó Pai, estás em Mim, e Eu em Ti ... para que o mundo creia que Tu me enviaste” (17, 21). A nossa leitura do quarto Evangelho, concentrando-se totalmente sobre o seu aspecto eclesial e bíblico, permanecerá, pois, aberta ao universal e atenta ao aspecto profundamente humano da mensagem de Jesus, tal como se repercutiu no espírito do discípulo bem-amado.

III – A estrutura do Evangelho

Comparado aos evangelhos sinópticos, o de S. João apresenta notável diferença de estrutura. A escolha dos acontecimentos da vida de Jesus é realizada com intento mais restito. Os que são conservados são-no pelo valor dos milagres (20,30) e servem de ponto de apoio a amplos discursos. Vê-se assim o Evangelho construir-se segundo uma alternância de curtas partes narrativas, de sinais, e de discursos de carácter teológico, comentando e desenvolvendo estes últimos. A ordem é invertida na última parte do Evangelho: o comentário teológico da Paixão, vem, desta vez, pela própria natureza das coisas, antes do acontecimento. Mas o essencial da estrutura permanece o mesmo.

Além disso, a sucessão e o arranjo das partes narrativas, dos sinais e dos discursos integram-se numa “perspectiva de conjunto” e numa “progressão dramática”, que lhe conferem unidade muito estreita. Apesar de algumas aparências de desordem, o Evangelho de S. João, é sem dúvida, o mais pensado e o mais fortemente estruturado. No desenrolar da vida de Jesus o autor quis fazer aparecer uma profunda lógica interior e a realização de uma obra divina preparada. É esta a visão que dirigiu o plano.

De facto, a maior diversidade de opiniões reina entre os exegetas quanto ao princípio e divisões deste plano. Parece, no entanto, que as festas judaicas proporcionam uma base objectiva para definir as grandes articulações e que se possa organizar a partir delas toda a matéria do Evangelho de S. João.

Tendo em conta a grande lacuna entre os capítulos 12 e 13 e pondo de parte o prólogo, podem-se distinguir duas partes principais, ou dois livros: 1) o livro das festas judaicas (1, 19-12), (50.2), o livro da Hora de Jesus ou da Nova Páscoa (13, 1-20, 31). O capítulo 21 desempenha o papel de epílogo.

Prólogo: 1, 1-8

I – O livro das festas judaicas: 1,19 – 12,50

- 1) A primeira Páscoa: 1,19 – 4,54. Esta secção está concentrada sobre o anúncio da vinda em Jesus da aliança e dos cultos novos destinados a substituírem-se à religião judaica.
 - a) A semana inaugural: 1,19 – 2,12. O testemunho de João Baptista sobre o Cordeiro de Deus; os primeiros discípulos, as bodas de Caná: Jesus manifesta a sua glória.

- b) A primeira Páscoa: 2,13 – 3,36. Jesus apresenta-se em Jerusalém. Expulsa os vendilhões do Templo. Revela a Nicodemus o mistério do novo nascimento da água e do espírito. Ministério na Judeia.
- c) Jesus na Samaria, revela o culto em espírito e verdade. Regresso à Galileia; segundo milagre em Caná: 4, 1-54
- 2) A festa anónima: 5, 1-47. Assiste-se ao primeiro choque entre Jesus e os chefes judeus, na altura em que cura um enfermo na piscina de Bezatha. Jesus afirma ser o filho de Deus, igual ao Pai, fonte de vida e Juiz soberano, aquele pois que as escrituras anunciam, denuncia a incredulidade dos chefes judeus.
- 3) A segunda Páscoa: 6, 1-71. Conflito entre Jesus e a multidão galileia. Jesus multiplica os pães, recusa uma investidura real equívoca, reúne-se aos discípulos caminhando sobre o mar e revela-se o Pão vivo que dá a vida ao mundo. Os judeus murmuram; numerosos discípulos abandonam-no. Fidelidade dos doze e profissão de fé de Pedro.
- 4) A festa das tendas: 7,1 – 10,21. Jesus dirige a Jerusalém os seus grandes apelos messiânicos.
 - a) Controvérsias populares sobre o Messias. Jesus proclama-se a fonte de água viva (7, 37-39) e a luz do mundo (8, 12); intitula-se: eu sou divino (8,24, 28,58); é ameaçado de lapidação (8,59).
 - b) Cura do cego de nascença: 9,1-41. Jesus demonstra que é a luz do mundo e denuncia a cegueira dos Fariseus.
 - c) Jesus condena os maus pastores e proclama-se o Bom Pastor: 10, 1-21.
- 5) A festa da Dedicção: 10,22 – 11,54. Condenação à morte de Jesus pelos chefes judeus incrédulos.
 - a) Jesus intimidado a dizer se é o Messias, afirma-se um com o Pai e Filho de Deus. Novas ameaças de lapidação: 10, 22-42.
 - b) A ressurreição de Lázaro. Muitos acreditam em Jesus: 11, 1-45
 - c) Reunião do Sinédrio, que decide a sorte de Jesus: 11, 46-54
- 6) Conclusão da vida pública de Cristo e preliminares da última Páscoa: 11,55 – 12,50.
 - a) “Virá à festa?”: 11, 55-57
 - b) A unção de Betânia, prelúdio simbólico da sepultura de Jesus: 12, 1-8.
 - c) A entrada do rei messiânico em Jerusalém: 12, 9-19
 - d) Alguns gregos pedem para ver Jesus, que anuncia estar próxima a sua Hora: 12, 20-36
 - e) Conclusão do ministério público de Cristo. O facto da incredulidade judaica. Recapitulação do ensino de Jesus: 12, 37-50.

II – O livro da Hora de Jesus ou a Páscoa do Cordeiro de Deus: 13,1 – 20,31

- 1) A última refeição de Jesus com os seus discípulos: 13,1 – 17,26. O lava-pés. O anúncio da traição de Judas. O adeus. Os derradeiros ensinamentos. A oração sacerdotal.

- 2) A Paixão: 18-19.
- 3) As narrações da ressurreição. A bem-aventurança da fé: 20, 1-29.
- 4) Primeira conclusão do Evangelho: 20, 30 s.

III – Epílogo: 21, 1-25.

A aparição de Jesus na margem do lago. A pesca miraculosa, figura da missão da Igreja. A investidura de Pedro como pastor do rebanho de Cristo. A vocação de João.

Devem-se fazer algumas observações a respeito deste plano.

O carácter dramático já foi assinalado acima. Assiste-se por um lado, ao desenvolvimento progressivo e paralelo da revelação de Cristo como o Messias anunciado pelas Escrituras, pelo culto e por toda a história de Israel e objecto de expectativa dos homens; por outro lado, vê-se a incredulidade do mundo judeu que, afastado dos seus privilégios, virado de baixo para cima nas suas tradições, se recusa a ver na pretensão de Jesus algo mais do que blasfémia. O conflito vai-se agravando sem cessar até atingir esta verificação dolorosa do evangelista: “Se bem que houvesse feito na sua presença tantos milagres não acreditavam n’Ele” (12,37), e o trágico desenlace da cruz (19,15). Esta contestação do messianismo de Jesus traz um problema angustiante. Embora as trevas pareçam triunfar sobre a luz, o mundo sobre Jesus, isto não é senão aparência. Jesus triunfa na sua morte mesmo dos poderes do mal e anuncia a vitória aos seus discípulos: “Tende coragem: Eu venci o mundo!” (16,33). Este triunfo da luz no próprio seio das trevas, esta vitória da vida na morte e no amor debaixo dos golpes de ódio, tal é a última palavra do drama e do Evangelho de S. João.

Notar-se-á, além disso, que cada secção contém à sua maneira o drama completo. Encontra-se sempre o mesmo esquema: Jesus sobe a Jerusalém, revela-se como o Enviado e o Filho de Deus. A sua pretensão é rejeitada como uma impiedade. Mas nessa noite infiltra-se um raio de luz: um pequeno grupo, por vezes um só indivíduo, como o cego de nascença (9, 35-38), abre os olhos à revelação e alcança a fé. Cada episódio do Evangelho realiza a seu modo as palavras do prólogo: “Veio ao que era seu e os seus não O acolheram. Mas a quantos O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, esses que crêem no seu Nome (1,11 s.).

Notar-se-á finalmente o papel desempenhado pela Hora de Jesus. Comanda e ilumina com a sua luz todo o Evangelho. Mas vem somente por fases. No princípio avisa-se que a Hora ainda não chegou (2,4). A repetição deste aviso (7,30; 8,20) – sob diversas formas (1,51; 3,14; 5,20; 6,62; 7,33; 8,21) – cria expectativas até que se revela, na véspera da paixão, o grito: Chegou a Hora de ser glorificado o filho do Homem”: (12,23). O leitor vê-se arrastado num movimento contínuo, ao longo do Evangelho, para esta hora, que constitui para S. João o cume da vida de Cristo. Como mostrará mais abaixo o comentário, esta Hora designa a morte de Cristo; mas ela ultrapassa-a. Pelo menos não se limita à sua realidade física e material, forma um todo com a glorificação de Jesus. É a Hora em que Ele passa para o Pai, a manifestação suprema da sua obediência e da sua unidade com Ele, a demonstração brilhante do seu comum amor pelos homens, o princípio dos novos Tempos, o ponto de origem da efusão do Espírito e do nascimento da Igreja, epifania de graça redentora. À sua luz, João reviu toda a vida de Jesus e escreveu o Evangelho.

Deverá considerar-se, na nossa leitura, este triplo carácter do livro joânico. Cada cena será lida como uma parte do drama da revelação divina oferecida (5,43), discutida (8,13), rejeitada (12,37),

acolhida por um pequeno grupo (17,8) e finalmente triunfante no próprio revés que a atingiu (16,33). Cada uma será lida, entretanto, como um todo que não encontra, todavia, a plenitude do seu significado senão à luz da Hora, em que se manifesta toda a glória do mistério de Jesus.

IV – Doutrina e estrutura do pensamento

O centro da visão teológica e espiritual de S. João é a Páscoa de Jesus, Filho de Deus, enviado e dado aos homens pelo Pai, para lhes comunicar a luz e a vida. O quarto Evangelho é, antes de mais, um testemunho prestado a Cristo.

Jesus é tudo para S. João. Desde o primeiro contacto, Jesus conquistou-o. João seguiu-o, permaneceu, escutou, amou (1,35,39) e, no Calvário, lá estava (19,26). A vida de João foi iluminada para sempre. E se escreveu foi para nos falar de Jesus de Nazaré, cujo encontro decidiu o seu destino e, por ele, conduzir-nos à vida. “Porque a Vida manifestou-se: nós vimos-la; damos-lhe testemunho e anunciamos-vos esta Vida, que estava junto do Pai e que nos apareceu” (1ª Epístola 1,2). Como a de Paulo, a teologia de S. João não é, pois, uma teologia abstracta. Parte da “experiência” vivida e maduramente meditada, da qual João se esforça, guiado pelo Espírito (14,26; 16,18), por exprimir a insondável profundidade.

O âmago desta experiência de João e desta teologia não é outro senão a descoberta do Pai em Jesus. Cristo revelou-lhe o Pai que “ninguém viu jamais” (1,18). “Quem me viu, viu o Pai” (14,9). Pela mediação de Cristo, abriu-se o abismo infinito da vida divina; foi-nos dado o poder de nos tornarmos filhos de Deus (1,12; 1ª Epístola, 3,1 s.) e de participar no amor que une desde toda a eternidade o Pai e o Filho. A vocação divina do homem surgiu, manifestou-se e foi oferecida em Jesus Cristo, filho único de Deus. Este tema fundamental poderia servir de fio condutor na leitura de S. João. Os seguintes textos indicam-lhe as principais fases: 1,12; 3,16; 8,36.41 s.; 14,2 s.; 17, 6,26; 20, 17.31).

Este tema decompõe-se numa variedade de aspectos distintos, dos quais apresentamos alguns:

- a) Noções ligadas à Pessoa do Pai; o seu nome, vontade, mandamento, obra, amor, o dom de Deus (4,10; 3,16);
- b) Noções ligadas à Pessoa do Filho: a sua missão, descida e vinda do céu, a sua unidade com o Pai, os seus sinais, obras, palavra, a sua glória, a sua Hora, o seu mandamento, a verdade;
- c) Noções ligadas à Pessoa do Espírito Paráclito: a missão, a verdade, o testemunho, etc.;
- d) Noções eclesiais: os discípulos, o nascimento da água e do Espírito, o Pão da vida, a unidade, o amor fraterno, a missão, a luz, a vida, a alegria, as bodas;
- e) A resposta do homem ao Dom de Deus: ver, conhecer, ouvir, crer, procurar, receber, seguir, morar com e em Jesus. Daí, em sentido inverso: a incredulidade, o pecado, a cegueira, a falta de inteligência, a recusa, a mentira, o ódio, as trevas, a morte, o juízo e a condenação; o mundo e o príncipe deste mundo.

Um processo de adquirir conhecimento pessoal do Evangelho seria seguir algumas destas noções ao longo de todo o livro.

Deverão ter-se em consideração, nesta leitura, várias particularidades. Em primeiro lugar a estrutura antitética – alguns dizem dualista - do pensamento joânico. O homem, segundo S. João, vive em estado de tensão espiritual. Dois pólos solicitam a sua liberdade: a terra e o céu, o abismo e a altura,

a verdade e a mentira, as trevas e a luz, o ódio e o amor. Cristo é enviado a esta terra, cá abaixo, ao meio da mentira, das trevas e do ódio, como o Salvador, a Luz, o Amor, o Filho único livre e libertador, (8, 36 s.), o Cordeiro que tira o pecado do mundo (1,29). Pela sua “opção” em relação a Cristo o homem revela a que mundo pertence o seu coração (3, 19-21; 8, 42-47; 13, 37).

É necessário ter cuidado também, com a polivalência dos termos, nalguns casos. João usa, por vezes, uma expressão ou no sentido material ou no espiritual, que é preciso distinguir. Assim o verbo erguer, empregado a propósito do Filho do Homem, significa crucificar e, também, erguer em glória (3,14; 8,28; 12, 32.34): o verbo subir pode significar a subida a Jerusalém ou a ascensão de Cristo (3,13; 6,62; 7, 8.10; 20,17); partir pode designar uma partida em viagem ou a morte de Jesus e a sua passagem ao Pai (7,33; 8,21; 13, 33.36); seguir Jesus pode significar caminhar fisicamente atrás dele (1, 37 s.) e também tornar-se seu discípulo (1, 43; 8,12; 10, 4.27;; 12,55 s.; 13,36; 21, 19-22, Apocalipse 14,4); uma mesma palavra grega designa o vento, o sopro e o Espírito (3,8; 19,30; 20,22); etc.

Será preciso contar, muitas vezes, com o que muitos exegetas chamam a ironia joânica, a maior parte das vezes ironia dolorosa: “nem discorreis que vos interessa que morra um só homem (11,50) pelo povo e não pereça a nação inteira?” “Que vos parece? Que Ele não virá à festa?” (11,56). “Eles, porém, não entraram no pretório, para não contraírem impureza” (18,28)... Etc.

É necessário, finalmente, considerar o simbolismo. Neste Evangelho espiritual, segundo a célebre fórmula de Clemente de Alexandria, tudo está assinado, não só os milagres reveladores da glória de Jesus e os dons que nos vêm por Ele (2,11; 20,30) mas também uma multidão de factos, na aparência puramente materiais, que estão cheios de significação teológica. Assim o Templo purificado figura o Corpo ressuscitado de Cristo (2,13-22); assim o nome da piscina de Siloé, que dizer: Enviado (9,7) ou ainda a noite símbolo das trevas do pecado, onde mergulha Judas ao sair do Cenáculo (13,30) ou o último suspiro de Jesus (19.30) e a transfixão do seu lado pela lança do soldado (19,31,36), etc.

A visão simbólica de S. João estende-se a toda a vida de Cristo, e sobre ela se fundamenta o que foi justamente chamado a actualidade do quarto Evangelho. A vida e a morte de Jesus não são a vida e a morte de qualquer enviado de Deus, até do maior dos profetas. Para João, Jesus é a luz vinda a este mundo (3,19; 9,5; 12,45 s.). O seu conflito com os chefes judeus não é simples episódio da história humana: S. João vê nele o ponto culminante do combate sem tréguas que se trava no coração de todo o homem entre a luz e as trevas. A sua condenação é uma falta que, para além da culpabilidade dos seus contemporâneos, engloba toda a realidade do pecado; na sua morte realiza-se o juízo do mundo ((12,31 s.). Por esta linguagem, simultaneamente real e simbólica, João obriga-nos a descobriremo-nos a nós mesmos como actores deste drama: luz ou trevas? verdade ou mentira? amor ou ódio? É o nosso drama e nós não podemos fugir dele. Aqui se desenrola o destino espiritual da humanidade. Os contemporâneos de Cristo, sendo na verdade seres reais e históricos, são também personagens-tipo, testemunhas, que nos representam perante Ele. Os seus gestos são os nossos gestos. A palavra que os visa, atinge-nos também.

Quando Jesus se dirige à Samaritana, junto ao poço de Jacob, escreve U. von Baltasar, dirige-se também a todo o pecador, a toda a pecadora. Não é só por ela que Jesus se senta, fatigado, no parapeito do poço: Quaerens me sedisti lassus! (sequência “Dies irae”)... Sou eu esta alma, enterrada nos escombros, que todos os dias corre para a água terrestre porque não compreende absolutamente nada da água celeste, que é o objectivo da sua verdadeira procura. Eu dou, como ela, a mesma resposta que se extravai, que taceia às cegas à oferta da Fonte eterna... O Verbo que se fez carne para falar connosco, visa nesta circunstancia real e única, ver neste pecador que se converte todo o pecador, nesta

ouvinte sentada a seus pés todo o ouvinte² (2). É sobre sete “princípio de actualidade” que se apoiará a nossa leitura do Evangelho de S. João. Para descobrir esta actualidade é preciso sair do nosso próprio ambiente. Requer-se um esforço para nos adoptarmos a um vocabulário, um estilo, uma maneira de pensar simbolista e que diferem muitíssimo dos nossos. O Espírito, a carne, o mundo, a Hora, a glória, a verdade, os sinais, as obras, etc ... tantas noções de que será preciso descobrir o sentido exacto. Deveremos adaptar-nos a um método de exposição, muito diferente da nossa lógica racional e linear. As falas de Cristo, no Evangelho de S. João, progridem segundo o ritmo do contemplativo, cujo olhar envolve, circula e penetra progressivamente no mistério até à sua completa expressão. Será, mesmo, necessário aceitar uma concepção da história que não corresponde sempre ao rigor das nossas exigências críticas. Mas as lacunas do Evangelho de S. João deixarão de nos surpreender quando tivermos compreendido o género particular desta história-testemunho, o seu fim teológico, o seu carácter pastoral assim como os hábitos e os procedimentos históricos da época.

Será necessário abstermo-nos de pedir a este Evangelho a solução imediata e completa dos nossos problemas. S. João conduz-nos a Cristo e obriga-nos a fixar o nosso olhar nele, a regressar à fonte, a redescobrir o mistério cristão na sua profundidade, a voltar sempre ao essencial: a fé e o amor: “É esta a Vida Eterna”: que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro e Aquele que enviaste, Jesus Cristo” (17,3).

Os comentários que seguem, não têm outro objectivo senão facilitar esta leitura, simultaneamente objectiva e aprofundante. O método será em geral o seguinte: cada uma das páginas estudadas será, primeiramente, situada no seu lugar, no desenrolar do Evangelho. Depois definir-se-á a estrutura do trecho, o seu plano e, se é caso disso, o género literário. Finalmente, o comentário propriamente dito esforçar-se-á por explicar as fórmulas e as imagens principais, por seguir o desenvolvimento do tema e de lhe extrair o ensinamento doutrinal, espiritual e apostólico. Os questionários, sugerirão as incidências na nossa vida.

² La Prière Contemplative, Desclée de Brouwer, 1959, pag. 14 s.

TEMA Nº 1 – S. JOÃO 1, 1-18**O PRÓLOGO DO EVANGELHO****1 – O género literário e a relação do Prólogo com o Evangelho**

Um exegeta comparou o prólogo do Evangelho de S. João a uma abertura musical. A comparação é justa. Como os primeiros acordes de uma sinfonia, o prólogo do quarto Evangelho surge do silêncio, anunciando, congregando, opondo entre si os temas principais, que a obra em seguida desenvolverá exprimindo antecipadamente a alma desta obra e pondo-nos em comunhão e harmonia com ela. É em atitude de silêncio e recolhimento que necessitamos abeirar-nos dela, tal como nos concentramos para assistir à audição de um concerto. Deste modo, todas as palavras produzem efeito, tomam todo o seu valor, parecem subir e sobem na realidade das profundezas da eternidade.

“No princípio era o Verbo
e o verbo estava com Deus,
e o Verbo era Deus!
Ele estava, no princípio, junto de Deus”.

O ritmo deste texto é tão evidente que muitos exegetas pensam num hino cristão cantado pela comunidade e talvez anterior, sob forma resumida, no Evangelho de S. João. As fórmulas no plural: “Vimos a sua glória...; da sua plenitude todos nós recebemos e graça por graça...”, poderiam favorecer tal hipótese.

Escreveu-se com razão que, em certo sentido, o prólogo de S. João “não é um texto preliminar do Evangelho, prefácio ou prólogo, mas o próprio Evangelho em visão sintética e profunda”³. O prólogo resume, com efeito, o Evangelho joânico num dos seus aspectos essenciais: o da Palavra de Deus. Deus falou e revelou-se aos homens em Jesus Cristo. O prólogo é um hino a Jesus, Verbo ou Palavra de Deus incarnada.

2 – Comentário

O facto de S. João chamar a Jesus o Verbo ou a Palavra, sem mais nada, significa que, para ele, Cristo é a Palavra ou o Verbo na sua totalidade e na sua Plenitude infinita. Toda a “palavra” é fragmentária em comparação com Ele. N’Ele tudo é dito, e a inteligência criada esgotar-se-á sem conseguir perscrutar o abismo do que se disse n’Ele.

A este título, é eterno. “No princípio, (Ele) era”. Reconhece-se a fórmula do primeiro capítulo do Génesis: “No princípio Deus criou o céu e a terra” (Gén. 1,1). S. João retoma-a propositadamente Para nos dizer que, então, quando nada existia à excepção de Deus e Deus se dispunha a criar o Universo, o “Verbo” era preexistente ao Cosmos, anterior a tudo.

³ A. George, “L’heure” em Joao XVII, na Revue Biblique 1954, pag 396.

Ele estava com Deus. O termo grego original significa não somente que o Verbo estava junto de Deus, na sua companhia, mas que estava voltado para Ele, em relação viva com Ele. Deste modo, S. João afirma implicitamente a personalidade do Verbo. O Verbo é uma pessoa, não uma abstracção.

Ele era Deus. O verbo não é identicamente a Pessoa designada por Deus no versículo precedente e em companhia do qual Ele pré existia no mundo, mas é Deus como Ele sem ser, contudo, um segundo Deus. Vê-se aqui surgir o mistério, cuja revelação constitui o próprio centro do Evangelho de S. João: a distinção no seio da Unidade Divina, de duas Pessoas, e a sua comunhão no amor: “O Pai e eu, somos um” (10,30).

Ele estava no princípio com Deus. Este versículo não é simples repetição dos precedentes. S. João quer precisar, simplesmente, que o Verbo estava com Deus “desde o princípio”. Nunca existiu sem Deus, nem fora de Deus, nem Deus sem Ele. Deus e o Verbo são co-eternos.

- S. João passa então à obra do Verbo: “Tudo existiu por Ele e sem Ele nada existiu (cf. Génesis 1, 6; Isaías 40, 26; 44, 24 s.; 48, 13; Salmos 33, 6; 147, 25; Judith 16, 14; Eclesiástico 42, 15; 43, 26). Todos os seres, sem excepção, dependem do Verbo para a sua existência. Todos começaram um dia a existir, chamados por Ele ao ser. Só Ele existe desde toda a eternidade.

É necessário, contudo, não limitar a obra criadora do Verbo ao aparecimento primitivo do universo. O “tudo existiu por Ele” visa também o desenvolvimento histórico que se faz, totalmente, na dependência do Verbo.

- A acção do Verbo é agora definida por dois termos: a Vida e a Luz. O que foi feito n’Ele era vida. O Verbo é fonte de Vida.

E a vida era a luz dos homens. O Verbo vivifica, iluminando. A continuação do Evangelho devolverá toda a riqueza destas duas palavras, Vida e Luz, e a sua relação mútua. A vida, segundo o Evangelho de S. João, não é nem um “epifenómeno da matéria”, cujo segredo, para já nos escapa, mas será atingido um dia, (concepção materialista) mas um poder cósmico impessoal de perpetuação, de regeneração e envolvimento (concepção panteísta), nem um segredo de juventude e imortalidade possuído pelos deuses (concepção mítica), nem pura intensidade de existência, exaltação (concepção romântica e sensualista); a Vida é luz, porque é comunhão com Deus na própria luz do seu Verbo ou da sua Palavra eterna – recebida, acolhida e assimilada pela fé: “A Vida eterna, é que eles te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e ao teu enviado, Jesus Cristo (17, 3).”

Contudo, começa a desenhar-se também o drama que, por igual, encherá todo o Evangelho. Uma potência obscura opõe-se, com efeito, à obra da vida realizada pelo Verbo: A Luz brilha nas trevas. O Evangelho pormenorizará a natureza, a dureza e os frutos de morte desta oposição das trevas à luz...

S. João prossegue, com uma segurança que o restante Evangelho não mais desmentirá: E as trevas não a dominaram. As trevas não puderam sustentar a marcha vitoriosa da Luz, não conseguiram sufocá-la.

Depois do desenvolvimento sobre o testemunho dado à Luz por João Baptista, o prólogo proclama a influência universal do Verbo-Luz. Ilumina todo o homem. Mesmo sem o saber, toda a consciência humana se encontra presa da sua irradiação.

A perspectiva do drama reaparece, então, dolorosamente e torna-se mais precisa: Estava no mundo e o mundo... não O conheceu. Veio ao que era seu e os seus não O acolheram.

Vem finalmente o versículo que constitui como que o cume luminoso do prólogo, que lhe resolve o enigma e esclarece as duas vertentes que apresenta: E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, Glória como de um Filho Único que vem do Pai, cheio de graça e de verdade. A encarnação do Verbo é proclamada, apoiada no testemunho colectivo da comunidade cristã unida aos apóstolos; os principais atributos do Verbo incarnado são indicados: a glória do Filho único, a plenitude da graça e da verdade.

Todas as palavras deste versículo seriam para ponderar. Estão cheias da seiva e da teologia bíblica. A carne designa não só o corpo, mas a própria condição humana, na sua precaridade, na sua fraqueza, no seu destino à morte (3, 6; 17, 2; cf. Génesis 6, 3; Salmos 56, 5; Isaías 40, 6). O Verbo fê-la sua. Como a Sabedoria enraizando-se em Israel (Eclesiástico, 24, 12; Baruch 3, 36; 4, 4), Ele habitou entre nós. Nesta “morada” da carne – melhor que sobre o Sinai (Êxodo 19, 16-20; Deuterónimo 4, 10-12) ou na arca e no Templo da Antiga Aliança (Êxodo 25, 8; 40, 34 seg.; Números 35,34; I Reis 8, 10-13) – residiu e resplandeceu a glória do Verbo, em que eternamente Deus se exprime.

Esta glória é a glória do Filho único. O Verbo, co-eternamente presente a Deus é, pois, seu Filho, seu único Gerado. A glória que recebeu de seu Pai está ligada à sua condição de Filho. Há aqui um novo dado que os primeiros versículos não continham.

Este Filho único do Pai apareceu aos homens cheio de graça e de verdade. O significado desta Epifania (manifestação) de graça e de verdade, é indicado num versículo precedente: a todos quantos O receberam / deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus / áqueles que crêem no seu nome /. No Verbo feito carne, revelou-se aos homens a sua verdadeira vocação e, com ela, a sua suprema dignidade: Deus, por pura graça, ofereceu-lhes o tornarem-se para Ele seus filhos, por meio da fé no seu próprio Filho.

A esta revelação faz-se eco a acção de graças de todos os cristãos: E da sua plenitude / Todos nós recebemos / a graça por graça/. Sobre a comunidade dos baptizados, que anima a Fé no seu nome, aflui, inesgotável, a plenitude da graça e da verdade divinas.

Só então se pronuncia o nome de Jesus Cristo. É para o opor ao de Moisés: É que a lei foi dada por meio de Moisés, / a graça e a Verdade vieram por meio de Jesus Cristo/. Duas alianças estão ligadas a estes dois nomes. A encarnação do Verbo é princípio duma nova aliança, superior à antiga que se fundava no dom, ainda exterior, da Lei. A nova aliança insere entre os homens um princípio de graça e de verdade (Oseias 2, 16,23), que está incarnado totalmente em Jesus Cristo e que d’Ele irradia para todos os homens, sujeitando todo o curso da história e, apesar das trevas, orientando-o para o Pai, fonte da Luz e da Vida.

- Ao concluir, S. João proclama o insondável mistério de Deus: A Deus ninguém jamais O viu. Ninguém, cá na Terra, contemplou a sua face. Moisés (Êxodo, 35, 20-23), Elias (I Reis, 19, 9,13), mesmo Isaías (Isaías 6, 1-5 segundo a tradição judaica seguida por S. João: Jo. 12, 41) não atravessaram a “nuvem” onde reside o Deus Santíssimo, o Vivente (6, 57; Apocalipse 4, p seg.), o Além de tudo. Eis que o mistério se abriu: O Filho único, que está no seio do Pai, o eterno confidente do seu pensamento, o esplendor (o reflexo) da sua glória, a efígie da sua essência (Hebreus 1, 3) incarnou para nos falar d’Ele, revelar-nos o seu Nome (17, 6,26) , dizer-nos o seu amor e arrebatá-los n’Ele.

Ao cabo, o que há a fazer? S. João indica-o claramente: abrir o nosso coração a Jesus Cristo, à sua palavra, aos seus “sinais”, ler e meditar o testemunho de quem viu, ouviu e tocou o Verbo da Vida (I João 1, 1 seg.). É assim que nos introduziu no seu Evangelho.

TEMA Nº 2 – S. JOÃO 2,1 – 111 – Sentido principal – Situação da narrativa no Evangelho

Para conhecer a maneira de ver de S. João na narrativa das bodas de Caná, é preciso começar pela leitura do último versículo: Foi assim quem em Caná da Galileia, Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e acreditaram n'Ele os seus discípulos. Para S. João, o acontecimento é um sinal que faz aparecer a glória de Cristo e dá início à fé dos seus discípulos. A coincidência é manifesta com o próprio fim do quarto Evangelho, tal como se encontra definido em 20,30 seg.; “Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos discípulos. Este porém estão escritos para que acrediteis que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu Nome”. A narração das bodas de Caná integra-se, pois, no propósito central do Evangelho, que é o de por em relevo o mistério de Jesus e de levar à fé na sua Pessoa, como fonte de Luz e Vida.

O prólogo definia já, pela palavra Glória, o ser do Verbo incarnado, Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade. A narrativa das bodas de Caná, retoma esta palavra. Como a palavra sinal é uma velha palavra bíblica e a que se aproxima mais do nosso termo abstracto de Divindade. Embora menos precisa é, em compensação, infinitamente mais rica em valor de evocação concreta. A glória de Deus, no Antigo Testamento, designa o peso esmagador e o brilho fulgurante de santidade, da majestade e do poder Divinos, manifestando-se ao 16, 10; 24, 15 seg.; 33, 18; Números 14, 21; Deuterónimo 5, 23 seg.; Isaías 6, 3; Ezequiel 1, 1 – 23; 43, 1-5).

O Novo Testamento transferiu-a para Cristo. Contudo, os Evangelhos sinópticos reservam-na quase sempre para o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, no fim dos Tempos, no brilho do seu poder (p. ex., Mc. 13,26). S. João, pelo contrário, atribui já esta glória a Jesus habitando no meio de nós. Descubra-a nos seus milagres, como em sinais, que manifestam que n'Ele Deus está presente, agindo, revelando-se, vindo até nós para nos salvar. Tal é o sentido do “sinal” de Caná.

É preciso notar o que há de único nesta transferência para um homem do vocábulo que definia outrora o próprio Deus, manifestando a sua majestade. A nenhum profeta, rei, sacerdote, a nenhum homem, a Bíblia atribuiu jamais nada de semelhante. De nenhum lá se escreveu frase que se pareça mesmo de longe, com esta: Manifestou a sua glória e acreditaram n'Ele os seus discípulos. Para qualquer outro que não fosse Jesus tinha sido uma blasfémia.

Quanto aos discípulos, testemunhas do sinal, quem são e donde vêm? O leitor do Evangelho sabe-o pelo capítulo precedente. Tudo remonta a uma palavra de João Baptista. Vendo Jesus vir para ele, João designara-o assim: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo” (1, 29). Aqueles, André e, sem dúvida João, o nosso evangelista, seguiram então Jesus. André tinha levado a Jesus seu irmão Simão. Depois o próprio Jesus tinha chamado Filipe, que levava por sua vez Natanael, precisamente natural de Caná. Finalmente todo o grupo acompanha Jesus às bodas, onde Maria, sua Mãe, os tinha precedido. É para estes que é feito o sinal.

Paralelamente a este encadeamento de vocações, desenvolve-se um outro, patente nos títulos concedidos a Jesus por estes novos discípulos; ao testemunho de Baptista, sobre o Cordeiro e sobre o Eleito de Deus que baptiza no Espírito Santo (1, 29,33 s.), tinha-se seguido o de André: Encontrámos o Messias” (1, 41), depois o de Filipe “Aquele de quem Moisés escreveu na Lei, bem como os profetas, acabamos de O encontrar! É Jesus de Nazaré filho de José” (1, 45), ao qual faz eco, por fim, o de Natanael: “Rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel” (1,49).

O próprio Jesus concluíra esta série, designando-se como o Filho do Homem: Em verdade vos digo, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subir e descer sobre o Filho do Homem” (1, 51; cf. Génesis 28, 12).

O sinal das bodas de cana é como a conclusão e o coroamento de toda esta sequência: no terceiro dia Jesus deixa filtrar, aos olhos dos novos discípulos, o primeiro raio desta glória do Filho do Homem, do qual lhes acaba de prometer a visão, ainda que de maneira velada.

2 – Sentido simbólico de Caná

O significado do milagre das bodas de Caná não se limita à manifestação, em geral, da divindade de Jesus; as circunstâncias devem ser tomadas em consideração. São como a orquestração do sinal e concorrem para a manifestação da glória de Jesus. R o mesmo acontece em todos os sinais do quarto Evangelho: para além da revelação central da verdade de Cr, exprimem simbolicamente os diversos aspectos da sua obra. A multiplicação dos pães mostra-o como o pão da Vida, a cura do cego de nascença como a Luz do mundo, a ressurreição de Lázaro como a Ressurreição e a Vida. O significado do sinal das bodas de Caná é mais difícil de determinar, porque S. João sugere-o mais do que o precisa. Não nos devemos, pois, admirar das opiniões divergentes do exegetas.

Ainda aqui, comecemos pelo fim. A narrativa do milagre – antes da conclusão do versículo 11 que é, com efeito, uma reflexão de S. João – termina por uma observação, ligeiramente irónica, dirigida pelo mestre das cerimónias ao marido: “Toda a gente serve primeiro o bom vinho e, quando tiverem bebido bem, serve então o inferior. Tu guardaste o bom vinho até agora!” Esta frase constitui o que os exegetas chamam o cume da narrativa. Chama a atenção para o esposo, simultaneamente para o louvar e para sublinhar o que o seu comportamento tem de singular. Com efeito, é Jesus que ela visa, aliás fora da intenção do mestre de cerimónias; este, nota o evangelista, não sabia donde era o vinho. É Jesus, o verdadeiro esposo, que oferece o vinho da bodas. Sob a aparência destas bodas de aldeia, são as suas que são assinaladas: as bodas messiânicas do Cordeiro, do qual João Baptista anunciou a vinda e do qual dirá em breve: “Quem tem a noiva é o noivo; e o amigo do noivo que lhe assiste e o escuta, sente muita alegria com a voz do noivo. Pois essa alegria, que é a minha, é completa. Ele deve crescer e eu diminuir?” (3, 29 seg.). O Pe. Lefèvre escreve, muito justamente: “todo o mistério de Caná está nesta presença do Esposo, que se esconde, ou antes, que começa a revelar-se” (Vida Cristã 37, 1961, pág. 11).

Um outro pormenor deve ser realçado. Acaso Jesus muda em vinho uma água qualquer? Havia ali, nota ainda o evangelista, seis talhas de pedra, dispostas para a purificação dos judeus... Jesus diz aos servos: “Enchei de água estas talhas. E eles encheram-nas de água cultural, destinada a um uso religioso, típico da Aliança, e as seis talhas de pedra, podem talvez considerar-se como um símbolo do judaísmo, que Jesus se prepara para renovar, infundindo-lhe espírito novo. Não parece duvidoso que o evangelista tenha distinguido no milagre o sinal da nova Aliança inaugurada por Jesus.

Desta aliança, o bom vinho guardado até agora, e dado em profusão, representa a Graça. Não se explica de outra maneira e insistência de S. João sobre a qualidade excelente, acentuada pelo mestre do festim, e sobre a sua abundância, indicada pelas dimensões das talhas. Cada uma destas talhas levava duas ou três medidas. Ora, a medida era cerca de quarenta litros. O total representa pois, uma capacidade de cinco a sete hectolitros. E Jesus só deu uma vez ordem de tirar das talhas cheias até cima. Isto não significa, necessariamente que o conteúdo todo fosse transformado em vinho; podia acontecer

que a água se não transformasse em vinho senão no momento de a tirar. Mas a fonte ali estava, excedendo em qualidade e quantidade todas as esperanças e todas as necessidades.

Esta interpretação do vinho de Caná, como símbolo das graças da nova aliança, é confirmada pelo facto de o dom super-abundante dum vinho suculento figurar no judaísmo entre as bênçãos esperadas dos tempos messiânicos (Génesis 49, 10 s.); Amós 9, 13 s.; Joel 2, 24; 4, 18; Isaías 25, 6.).

Alguns Padres da Igreja, por exemplo Santo Ireneu, e mais que um exegeta, vêem nisto um símbolo eucarístico. É difícil demonstrar, de maneira segura, que o evangelista tenha tido directamente em vista o sacramento e seria erro limitar o sentido do sinal a este simbolismo. Deve, contudo, reconhecer-se que na Eucaristia se realiza verdadeiramente este dom de que o milagre de Caná é o sinal. O próprio Cristo ali apresenta à sua Igreja a taça do vinho perfeito e inesgotável, fonte de alegria e de vida eterna, da nova aliança no seu sangue. Melhor do que a Sabedoria do Antigo Testamento, ali diz aos seus discípulos: “Vinde! ... bebei do vinho que preparei”. (Provérbios 9, 15: cf. Eclesiástico 24, 17 s.).

Finalmente, deve-se notar que Jesus não se contenta em criar e oferecer o vinho do milagre: Ele muda a água em vinho. E não actua sozinho, associa ao sinal os serventes a quem pede que encham de água até acima as talhas. Há aqui um pormenor que é característico dos sinais no Evangelho de S. João. Por mais transcendentais que sejam, apoiam-se normalmente sobre uma realidade existente e recorrem à actividade do homem. Em S. João, o milagre intervém no limite do esforço e das possibilidades humanas, que não dispensa, mas que toma sobre si e transpõe para novo plano (5, 5 s.; 6, 7-18; 9, 32; 11, 39; 21, 3; etc.).

3 – Quanto ao papel de Maria, a Mãe de Jesus, é capital

Maria é a primeira a ser mencionada. É ela que chama a atenção de Jesus para a falta de vinho. A sua intervenção é tão discreta, na verdade, que leva a hesitar sobre o alcance exacto a atribuir-lhe. Parece improvável que ela peça um milagre a seu Filho. Faz-lhe, simplesmente, a confiança da situação e da pena que tem dos esposos.

A resposta de Jesus não é fácil de interpretar. A fórmula: “Que me desejas?” (literalmente: que é isto para mim e para ti?) mostra, correntemente, certa divergência de opinião ou de maneira de ver; porém, o grau e o cambiante próprios desta divergência, não podem ser determinados senão pelo tom de voz, o gesto e todo o contexto. Ora, este é, para nós, cheio de mistério. Jesus refere-se à sua Hora. A Hora de Jesus, no quarto Evangelho, designa quase sempre o momento em que, pela sua obediência até à morte, manifestará plenamente a sua glória de Filho de Deus, a sua unidade com o Pai e o seu amor pelos homens (12, 23-27 s.; 17, 1). Esta Hora ainda não chegou. Sem o dizer expressamente, Jesus passa das realidades materiais às realidades espirituais: do vinho que leva às bodas, à Hora em que, remediando uma falta bem mais profunda, Ele salvará, pelo seu sacrifício, os homens da morte e lhes comunicará a vida. Jesus vê, desde o princípio toda a sua acção na perspectiva desta Hora e com ela relacionará tudo.

A Mãe diz aos serventes: “Fazei o que Ele vos disser”. (cf. Génesis 41, 55). Maria compreendeu que o olhar do seu filho ia para mais longe e mais alto do que a preocupação da hora presente, para um ponto misterioso do futuro, para o qual todo o presente se devia ordenar. Submetida, com todo o seu ser ao mistério daquela Hora, ordena aos serventes para se colocarem à ordem de Jesus e para lhe obedecerem cegamente. Que fará Ele? Ela ignora-o mas conhece o sentido daquilo que será feito: seja o que for, fá-lo-á com fito nesta Hora de que ela, desde sempre, se considera escrava. O milagre

recompensa a sua obediência e a sua fé... Jesus, antecipando a sua Hora, cria o vinho do milagre, como sinal e antegozo da glória e das liberalidades da nova aliança no Seu sangue.

4 – Recapitulemos as riquezas do primeiro dos sinais

Jesus transformando a água em vinho, manifesta a sua divindade, a sua glória, mas as circunstâncias e a própria natureza do sinal, ligados à tendência simbolista própria de S. João, obrigam-nos a pormenorizar mais. Jesus revela-se como o Messias, o Esposo das núpcias, o instaurador de uma nova aliança. Nas talhas do judaísmo, incapaz de se purificar para o futuro, lança o vinho novo, o “bom vinho guardado até agora”, isto é, reservado por Deus para os últimos tempos. Pela sua abundância e qualidade, este vinho é a imagem do dom de Deus e da renovação de todas as coisas em Cr. Quanto à fé dos discípulos, ela constitui as primícias da fé. Quanto a Maria, ela tem lugar à parte. Colocando-se junto do seu Filho, mostra e abre aos homens, por meio da sua fé, obediência e abandono, os novos caminhos da Vida.

A menção do terceiro dia, a referência à Hora que ainda não chegou, o próprio simbolismo, obrigam a ler esta narrativa na perspectiva da Hora do sacrifício de Cristo, como o fez o próprio S. João. Só então e efectivamente é que o sinal se esclarecerá à luz da realidade; as bodas de Caná darão lugar às bodas do Cordeiro imolado (Apoc. 19, 7), depois do Seu triunfo a partir da ressurreição do terceiro dia; à fé nascente dos primeiros discípulos, sucederá a fé pessoal da Igreja; pela palavra de seu Filho, a Mãe de Jesus será consagrada, para sempre, Mãe de todos os seus discípulos. E é na Igreja, agora, que vivemos a realidade deste mistério. É hoje que se cumpre este milagre e que se desenrola a glória de Jesus.

TEMA Nº 3 – S. JOÃO 3, 1 – 21JESUS E NICODEMOS

(O Mistério da Nova Aliança)

1 – Situação no Evangelho e Tema principal

Para situar correctamente a conversa de Jesus com Nicodemos, no quarto Evangelho, é necessário ligá-la aos acontecimentos referidos no fim do capítulo precedente. Jesus tinha subido a Jerusalém na altura da Páscoa. Ora, diz-nos o evangelista, enquanto Ele estava em Jerusalém, pela festa da Páscoa, muitos acreditaram em seu nome, ao verem os milagres que fazia. Mas Jesus, pessoalmente, não se fiava neles, porque os conhecia a todos e não precisava que lhe dessem informações de homem algum. É que Ele bem sabia o que há no homem! (2, 23-25). Ali S. João encadeia: Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus, que veio, de noite, ao encontro de Jesus (3, 1 s.). A palavra homem, retomada do capítulo segundo, constitui o que os exegetas chamam palavra-chave, que une intimamente a nova narrativa à precedente o que significa que Nicodemos é um dos muitos que crêem em Jesus por causa dos sinais que executa mas cuja fé, demasiadamente limitada ao aspecto exterior das coisas, não inspira confiança ao Mestre.

O começo da conversa de Nicodemos confirma esta interpretação. Nicodemos diz a Jesus: “Rabi, sabemos que vieste da parte de Deus, como mestre, pois ninguém pode fazer estes milagres que fazes se Deus não estiver com ele” (3, 2). É rude a resposta de Cristo: Não se contenta com esta fé imperfeita, quer mais. E eis-nos, imediatamente, conhecedores do assunto da conversa. Trata-se do nascimento da vida espiritual pela fé verdadeira na pessoa de Jesus.

2 - Duas palavras mais sobre Nicodemos

Antes de continuarmos o desenrolar do diálogo, duas palavras mais sobre Nicodemos. É um judeu notável, membro do Sinédrio. Como foi dito acima é uma personagem-tipo, representativa de toda uma classe. Incarna o Mestre em Israel (3, 10) tanto e tão bem que se pode intitular a cena: o encontro de Cr com a sabedoria judaica⁴. Isto não quer dizer que Nicodemos seja uma abstracção. O que se diz dele no quarto Evangelho, demonstra que é personagem-real por quem S. João mostra particular interesse. Em 7, 48-50 seg., toma corajosamente a defesa de Jesus e merece esta reprimenda: “Também tu és da Galileia? Trata de indagar e hás-de ver que da Galileia não sai profeta algum!” (7, 52). Reaparece no Calvário, em companhia de José de Arimateia, para amortilhar Jesus (19, 39 s.).

Aos olhos da maioria, passa pelo género de crente tímido que desliza na sombra para encontrar-se com Jesus sem o conhecimento dos seus iguais. Costuma dizer-se que “um Nicodemos” para designar tal espécie de pessoas. É possível que seja imerecido... A noite não significa, necessariamente, a clandestinidade. Os rabinos aproveitavam-se de boa vontade da noite para perscrutarem as Escrituras e para as discutirem entre si. Esta razão é, talvez suficiente para explicar a visita nocturna de Nicodemus.

⁴ O Padre D. W. Stanley, S. J. intitula os eu comentário a esta cena: A sabedoria de Israel encontra a sabedoria de Deus; em *Worship* 1958 - paginas 28 - 37.

3 - Plano da conversa

Quanto ao plano da conversa, importa defini-lo bem. O diálogo processa-se em três fases de estrutura semelhante em que o principal é constituído todas as vezes por uma revelação introduzida pela fórmula: “ Em verdade, em verdade te digo” (3, 3, 5, 11).

1ª fase: 3, 1 – 4ª. Nicodemos vem procurar Jesus e rende homenagem, na sua pessoa, a um mestre vindo de Deus e assistido por Deus. Jesus respondeu-lhe: para ver o Reino de Deus é necessário nascer de novo; primeira palavra de Revelação que provoca a reacção de Nicodemos: Como pode um homem nascer sendo velho?

2ª fase: 3, 4b – 10. Nicodemos reduz então ao absurdo a frase de Je: será preciso entrar de novo no seio materno para nascer? Jesus responde: o nascimento de que se trata é um nascimento da água e do espírito. Esta segunda palavra da Revelação precisa a precedente. Mas tem necessidade, ela própria, de ser explicada. Jesus, então desenvolve: “Aquilo que nasceu da carne é carne, aquilo que nasceu do Espírito, é Espírito. Não te admires de Eu te haver dito: vós tendes que nascer de novo...” A resposta de Nicodemus mostra que não progride na compreensão do mistério. “Como pode ser isso?” Jesus admira-se então de encontrar tão pouca compreensão.

3ª fase: 3, 11 – 21. Agora é só Jesus a falar e desvenda a Nicodemos o mistério do Filho do Homem erguido, mistério do Filho Único de Deus dado pelo Pai para a salvação do mundo. É a terceira palavra da Revelação. Aprofunda as duas precedentes e propõe a fé como único caminho do acesso à vida.

Nicodemos permanece calado. Como outros diálogos, no quarto Evangelho, também este termina bruscamente com a Palavra de Jesus. O interlocutor desaparece de cena sem nada dizer. Não se volta a falar dele. Não que seja um fantoche, mas aos olhos de S. João uma coisa é mais importante do que a psicologia de Nicodemos ou de qualquer outro interlocutor. É a palavra reveladora do mistério de Cristo. Por este motivo, uma vez chegados a um máximo de revelação, S. João quer deixar aí o leitor evitando tudo aquilo que o poderia distrair da Palavra do Senhor. Só dela deve o leitor esperar a luz e a vida (6, 63).

4 – Comentário

O conteúdo desta página torna-se pois claro. Tem por fim mostrar que só Cr, reconhecido e aceite em toda a amplitude e verdade do seu mistério, abre ao homem o caminho da salvação; e também, que a este mistério o homem não chega senão através da graça de uma renovação radical. Para Nicodemos tudo é simples. Pensa conhecer e ter, graças à lei, a chave do Reino de Deus. Julga-se, juntamente com os colegas, capaz de entrar aí á vontade. Se vem ter com Jesus é porque reconheceram n’Ele, nos seus sinais, um Mestre particularmente qualificado. “Sabemos que vieste da parte de Deus como Mestre”. Quer, simplesmente, interrogá-lo sobre a Lei e discuti-la. Je tira-lhe todas as ilusões. Nicodemos tem diante de si mais que um Rabbi, mais que um Mestre, ainda que excepcional: aquele a quem fala traz com ele um mistério do alto, do qual só uma luz vinda do alto pode descobrir o segredo. Esta graça de luz supõe um renascimento do alto. A água e o Espírito são os agentes do tal renascimento. Segundo uma interpretação bem fundamentada⁵ (1) a água designa o baptismo,

⁵ I. de la Potterie, “Nascer da água e do Espírito...”; ver mais adiante a bibliografia.

sacramento do novo nascimento, e o Espírito designa o Espírito Santo suscitando a fé no coração do neófito e, depois, desenvolvendo-a ao longo da sua vida cristã. As duas coisas são necessárias para a regeneração do homem. O rito baptismal não actua de maneira mágica ou mecânica. É necessário que, pela fé, o baptizado – ou a comunidade familiar, no caso da criança – participe e adira á obra de Deus, que fez dele um novo ser. Ora somente o Espírito tem o poder de fazer nascer esta fé e de abrir os olhos do homem à luz do alto, como somente a água sacramental traz consigo o poder de introduzir no Reino de Deus aqueles que o Espírito iluminou.

A causa é que o homem, nascido da carne, é carne, isto é, no sentido bíblico, criatura frágil, caduca, destinada à morte, como todas as coisas cá de baixo, às quais pertence – enquanto o mistério de Cristo é um mistério de Deus, que é do Espírito, isto é, a própria vida e o princípio de toda a vida (Génesis 2, 7). Um abismo separa a criatura-carne, de Deus-Espírito (Isaías, 31, 3). Este abismo não pode ser transposto, a não ser que Deus, vindo em auxílio, pelo seu Espírito, da criatura-carne, a regenere de alto a baixo e eleve à condição de Espírito. Então o homem que é carne, ascende a um novo universo: terrestre (3, 31) e de baixo (8, 23), é levado a participar na vida celeste e capaz de conhecer as coisas do céu (3, 12, 31); carne é feita espírito, porque o que nasce do Espírito é espírito (3, 6) (cf. S. Paulo; Rom 8, 23, etc).

Tal é o segredo de Cristo. Vem do alto (3, 13; 6, 35.53.62), chamar o homem-carne a realizar uma vocação ao espírito, que o ultrapassa em todos os sentidos. Esta é essencial ao homem (12, 25) que, no entanto, só a conhece pela revelação que Cristo lhe faz (3, 31 s.), e só a realiza pela graça do Espírito. Necessita aceitar este paradoxo de se realizar para além de si mesmo em condição que nem ele nem nenhum outro ser criador pode proporcionar. Criatura, nascido da criatura, é convidado a participar na vida de Deus, para o qual o seio de sua mãe não concebe; carne, deve tornar-se espírito. “Como pode ser isso?” – pergunta, perplexo, Nicodemos. A confusão do Mestre de Israel compreende-se.

Jesus reconhece-o: há aqui um mistério que ultrapassa a capacidade humana. Por outro lado, a sua realidade não deve ser posta em dúvida. Uma comparação o demonstrará: “O vento sopra onde quer; ouves o seu som, mas não sabes donde vem nem para onde vai. Assim é para todo aquele que nasça do Espírito” (cf. Eclesiástico 11, 5). Ainda mais misteriosa e incompreensível que o vento subtil que passa, a regeneração do homem pelo Espírito de Deus não é menos real e manifesta-se pelos seus efeitos. O verdadeiro cristão é um enigma para o mundo que, em verdade, nada sabe dele, como de Cristo (8, 14; cf. Mateus 11, 27), não sabe nem donde vem nem para onde vai. Ei-lo presente no mundo e irredutível ao mundo, carne, e, todavia, espírito.

Jesus admira-se que o mestre em Israel se mostre tão estranho a este mistério, para o qual a leitura dos Livros Santos o deveria ter preparado. De facto, o Antigo Testamento profetizava, em mais de uma passagem, a regeneração do homem pelo Espírito de Deus. Ezequiel prometia o dom de novo coração e novo espírito, obra do Espírito divino do homem: “dar-vos-ei um coração novo. Porei em vós um coração novo... Porei em vós o meu Espírito. (Ezequiel 36, 26 s.; cf. Jeremias 31, 33 s.).

A novidade do Novo Testamento consiste, principalmente, em ligar este mistério de regeneração do homem ao mistério de Cristo, isto é, à vinda do Filho de Deus a este mundo e à sua elevação na cruz: Como Moisés elevou a serpente no deserto (Números 21, 4-9); Sabedoria 16, 6 s.), assim tem de ser elevado o Filho do homem, para que todo aquele que acredita, tenha por Ele a vida eterna. Daqui deriva tudo. O texto de S. João joga, como foi dito na introdução, com o duplo sentido da palavra elevado: elevado na cruz e elevado em glória; os dois aspectos unem-se no único mistério do

Salvador: Cristo elevado na cruz e àquela glória que tinha junto do Pai antes da criação do mundo (17, 5, 24), abre aos homens as portas da salvação: comunica-lhes a sua própria vida e a sua glória de ressuscitado.

Contudo, a fonte última da salvação tem de se procurar ainda mais alto, no amor que impeliu o Pai, sem outra razão a não ser este mesmo amor, a dar ao mundo o que tinha de mais querido, o seu Filho, o seu Único Gerado. De facto, Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe deu o seu Filho Único para que todo o que n'Ele acredita não pereça mas tenha a vida eterna. A lembrança do sacrifício de Abraão inspirou talvez estas palavras (Génesis 22, 2.8.12-16). O sacrifício do filho, outrora pedido ao santo Patriarca, realizou-o Deus Pai, até ao fim, por nosso amor.

É pela fé que o homem reconhece este amor e lhe abre o seu coração. De facto, para S. João, a fé é mais do que a atitude intelectual; é a adesão do homem todo, coração e espírito, a Deus e ao seu plano de amor revelado e realizado na pessoa de seu Filho, Jesus-Cristo. É a “opção fundamental”, sempre em renovação, e de que depende para cada um de nós a morte ou a vida. É o sim do homem à sua vocação divina, em Cristo e pelo Espírito.

Eis porque Jesus pode concluir, definindo a sua vinda a este mundo como um julgamento: “Quem n'Ele acredita não é condenado, mas quem não acredita já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho Único de Deus”. Na presença de Cristo-Luz, os corações revelam-se e decidem-se segundo a sua fé e a sua incredulidade. Porque o homem pode preferir às exigências da verdade, as obras do mal, as trevas à luz; foge então do Cristo-Luz. É que todo aquele que pratica más acções odeia a luz e não se aproxima dela, para não serem postas a descoberto as suas obras. Pelo contrário, quem pratica a verdade, isto é, quem conforma, de maneira habitual, a sua conduta à exigência da verdade divina, reconhece em Cristo o seu guia e salvador. Aproxima-se da luz para ser manifesto que as suas obras estão realizadas em Deus, isto é, em conformidade e comunhão com a sua vontade.

Com tais palavras termina esta página de teologia baptismal. Subindo em movimento contínuo, conduz-nos da fé imperfeita e da ingénua suficiência de Nicodemos à descoberta e à aceitação, sem reservas, do mistério de Cristo-Luz e salvação. O Evangelho convida-nos a perscrutar cada vez mais as riquezas, a profundidade e as conseqüências desta profissão de fé baptismal, obra do Espírito santo em nós; por ela se desenvolverá o gérmen da vida divina depositado na nossa carne pelo Espírito de Deus, no dia do nosso baptismo, para amadurecer e frutificar no Reino. Este Reino procurava-o Nicodemos, com as suas próprias forças, desconhecendo que se entra nele como se entra na vida, quer dizer desapercebidamente, por graça, como uma criança, ao nascer (na carne) para a vida de Deus que é Espírito.

TEMA Nº 4 – S. JOÃO 4, 1 – 42JESUS E OS SAMARITANOS

Intencionalmente este novo capítulo não foi intitulado “Jesus e a Samaritana” porque, não se limitando à cena do poço de Jacob, abrange o conjunto dos 42 versículos do Evangelho, em que se encontra relatada a estadia de Jesus na Samaria. Corresponde, aliás (excluídos os 4 primeiros versículos) ao emprego que a liturgia faz deste texto, na sexta-feira da 3ª semana da Quaresma.

1 - o lugar e significação na economia geral do quarto Evangelho

Para compreender o lugar e significação na economia geral do quarto Evangelho, é necessário considerar o fim do capítulo precedente. S. João diz que Jesus, depois da conversa com Nicodemos se dirigiu, com os discípulos, para a terra da Judeia e ali morava com eles e baptizava. Três observações há a fazer a esse respeito. A primeira encontra-se no próprio Evangelho. S. João esclarece que, de facto, Jesus não baptizava mas sim os seus discípulos (4, 1). A segunda, é de que não se trata ainda do sacramento cristão do baptismo, que não será totalmente instituído senão depois da ressurreição de Cristo, mas sim dum rito de iniciação preparatório para a plena realidade cristã. A terceira, é o interesse histórico que representa esta breve narração da actividade de Jesus na Judeia no começo do seu ministério. Pela leitura dos Evangelhos sinópticos poder-se-ia julgar que Jesus só começou a sua actividade na Galileia (cf. Mateus 4, 12 s.; Marco 1, 14; Lucas 4, 14). Graças a S. João sabemos que a começou na Judeia, na movimentação do notável despertar religioso suscitado por João Baptista.

Este ministério de Jesus na Judeia teve, desde logo, tal êxito que causou inveja aos discípulos de João Baptista. Em resposta à sua inquietação o Baptista pronunciou então as palavras admiráveis que concluem o seu testemunho no quarto Evangelho: Aquele que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, enche-se de alegria com a voz do esposo. Eis a minha alegria, que é total. É, pois, necessário que Ele cresça e eu diminua (3, 29 s.).

Este êxito esteve na origem da ida de Jesus para a Samaria. Com efeito, quando Jesus soube que os fariseus tinha ouvido que ele faria mais discípulos e baptizava mais do que João... abandonou a Judeia e voltou à Galileia. Não queria, desde o início do seu ministério, entrar em conflito aberto com os dirigentes judeus. A Galileia, mais afastada do centro, proporcionava-lhe um campo de acção em que se encontraria menos directamente exposto aos seus ataques. Para ir para lá podia escolher dois caminhos: um subia o vale do Jordão, o outro, mais usado, atravessava a Samaria; evitavam-no por vezes, por causa da hostilidade dos samaritanos para com os judeus (cf. Lucas 9, 51-56). Apesar disso, Jesus escolheu este segundo itinerário. Esta escolha contém em germen toda a lição deste capítulo: Jesus quer demonstrar, em acto, o universalismo da religião, em espírito e verdade, que vem instaurar. Para isso convinha que o proclamasse fora das fronteiras do judaísmo, entre os detestados samaritanos...

2 - Ele chega ao poço de Jacob

É assim que Ele chega ao poço de Jacob, junto da cidade de Sicar, perto da sexta-hora – isto é, por volta do meio-dia. Este poço é hoje, na Terra Santa, um dos mais preciosos testemunhos da passagem de Cristo. Situa-se à saída do vale NO.-SE., onde se comprime a cidade de Naplusa, não longe

da antiga Siquém. O monte Hebal ao norte e o monte Gorizia ao sul, face a face, guardam a entrada deste vale.

Jesus deve ter andado desde a aurora. Cansado da caminhada senta-se, então⁶, junto do poço: provavelmente no chão, pois, naquele tempo, não é natural que os poços já tivessem parapeitos: abriam-se ao nível do solo e tapavam-se com uma pedra (Gén 29, 3), como ainda hoje se faz na Palestina. Quanto aos discípulos, foram à cidade comprar os mantimentos necessários para almoçar.

Primeira cena (4, 6-25): o diálogo de Jesus com a Samaritana.

Uma mulher da Samaria vem tirar água. É o trabalho das mulheres no Oriente, só a hora é insólita. Aparentemente sem prestar atenção ao homem que ali está, a mulher começa a tarefa, manobrando a corda e o odre para tirar a água. Ignora que o encontro com este homem vai transformar completamente a sua vida...

Rompendo subitamente o silêncio, “Jesus diz-lhe: Dá-me de beber”. É Ele que começa o diálogo. Tem sede. Pede o favor de um pouco de água. Há ali um destes traços de humanidade em que é abundante o quarto Evangelho. Mas não menos típico deste Evangelho é o modo como vão sair, gradualmente, deste simples pedido humano, as mais altas e mais profundas revelações. De assombro em assombro, a mulher vai descobrir o mistério deste Homem.

Com efeito, quem é ele? Talvez pela sua pronúncia – como será o caso de S. Pedro durante a Paixão (Mateus 26, 73; cf. Juízes 12, 5 s.) – a mulher reconheceu um judeu Mas, primeira surpresa, um judeu que não é como os outros: pede de beber a uma Samaritana! É que os Judeus, acrescenta S. João, não se dão com os Samaritanos⁷.

Jesus, desde as primeiras palavras, revelou-se totalmente liberto de preconceitos religiosos ou racionais da sua nação. Quem é, pois? A resposta completa a esta pergunta só será dada no versículo 42: é o Salvador do mundo – daí a necessidade de ler toda a passagem -. Contudo, para se chegar lá, falta ainda bastante.

A observação da samaritana requeria, até pela sua ironia, a devida réplica: És judeu e pedes-me de beber, sendo eu samaritana? A resposta de Jesus levanta apenas de novo o problema.

Não censura a mulher por se espantar, mas indica, afinal, que ela se espantou bem pouco... Porque o mistério é maior do que ela pensa. O paradoxo dum judeu mendigando um pouco de água a uma samaritana não é nada. O inverosímil é que tenha sido este homem a pedir água à mulher e não ela a ele. “Se conhecesses o dom de Deus e que é que te diz: “dá-me de beber”, serias tu quem lhe teria pedido e ele ter-te-ia dado uma água viva”.

A esta nova singularidade a mulher replica imediatamente: “Senhor nada tens para a tirar; e o poço é fundo!”. O poço de Jacob, hoje com 35 metros, é, com efeito, o mais fundo da Palestina e Jesus não tem corda, nem odre, nem cântaro para tirar a água. “Donde te vem então a água viva?”. Sob esta nova ironia da mulher esconde-se o mistério central do quarto Evangelho; o mistério do dom de Deus em Cristo: mistério do vinho de Caná, do qual o Mestre do festim ignora a proveniência (2, 9), o mistério

⁶ Pode-se traduzir também: simplesmente.

⁷ É assim que vulgarmente se traduz mas um estudo recente propõe a seguinte tradução: "OS Judeus não utilizam objectos Samaritanos". Uma regulamentação judaica, dos anos 65-66 considerava impura toda a mulher samaritana; donde se deduzia como consequência, a interdição para um judeu de utilizar um recipiente que ela tivesse tocado, sobretudo se tivesse bebido por ele.

do templo reconstruído em três dias (2, 19), mistério do homem nascido da água e do Espírito e do qual não se sabe donde vem nem para onde vai (3, 8), mistério do pão descido do céu (6, 33), mistério de Jesus, que o mundo não sabe donde é (8, 14; 9, 29; 19, 9).

A mulher continua: “Serás tu maior que o nosso Pai Jacob que nos deu o poço de que ele mesmo bebeu assim como os seus filhos e os seus animais?”. Jesus não se ofende com a ironia. É precisamente esta reacção que vai buscar apoio para se elevar a um novo grau de revelação. Retoma a palavra, não para explicar esta água viva, da qual só ele conhece a origem e o brotar silencioso, mas para revelar ao menos, algo dos seus efeitos: não é como a água que surge do fundo do poço de Jacob, que só sacia por algum tempo. A água que Jesus promete mata a sede para sempre. Tornar-se-á para quem a beber, na fonte que jorra, (à letra: saltante) para a vida eterna, um jacto que se renovará sem fim, e cujo impulso não se limita à terra.

Que realidade tem Jesus em vista? Os profetas, Amós (8, 11), Isaías (55, 1), Baruc (3, 12) e os livros sapienciais (Provérbios, 13 14; Eclesiástico 15, 1- 3; 24, 23-33; etc.) tinham aplicado o simbolismo da “fonte de vida” à palavra de Deus, à Lei, à Sabedoria. A água viva, prometida por Jesus, designa, segundo toda a probabilidade, a revelação divina contida para os homens na Sua palavra e na Sua própria pessoa. É o dom de Deus. Esta água tornar-se-á para quem a beber, isto é, para quem receber com fé Cristo e a sua palavra, a fonte inesgotável da vida, graças à acção do Espírito Santo, que receberão aqueles que crêem n’Ele (7, 37-39).

A resposta da mulher a esta oferta parece totalmente ilusória. A Samaritana julga ter encontrado neste homem o detentor de um segredo mágico que vai libertá-la da sede e desta maçada quotidiana de tirar água. Daí a sua exclamação: “ Senhor, dá-me dessa água para eu não ter sede nem vir aqui tirá-la”. Contudo, por medíocre que seja este pedido, a situação inicial encontra-se invertida: é a mulher que agora suplica e pede de beber a Jesus. Cristo vai poder conduzi-la mais longe.

O diálogo toma, bruscamente, feição apelante e incisiva. A mulher pediu: Dá-me dessa água!”. Jesus não pode dar a água viva da revelação senão a quem esteja convertido. “vai, chama o teu marido e volta cá”. O golpe resultou: “Não tenho marido”. A mulher usa de manha e tenta escapar a esta luz cruel que lhe atravessa subitamente o coração como um golpe de espada. Mas Jesus não solta a sua presa. Com firme doçura, separa o verdadeiro do falso: “Disseste bem. “Não tenho marido”; pois tiveste cinco maridos e aquele que tens agora não é teu marido: quanto a isso falaste verdade”. Que vai fazer a mulher? Obstinar-se? Negar? Fechar-se? Fugir? Perturbada por esta onda de luz resigna-se à confissão: “Senhor, vejo que és profeta!” Já não troça deste judeu estranho e um pouco ousado que fala a uma Samaritana e pretende fazer melhor que Jacob; inclina-se diante do homem de Deus.

Não nos podemos admirar que ela continue: “Os nossos pais adoraram neste monte; e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar”. A questão é clara. Se este homem vem de Deus, deve poder resolver a questão religiosa entre Judeus e Samaritanos: Onde se deve adorar? A mulher aponta com o dedo o monte Garizim que desce até eles. É aí que os Samaritanos localizam o sacrifício de Abraão (Gén 22, 2)⁸ e o seu encontro com Melquisedeque. Jacob aí levantara um altar (Génesis 33, 20); o texto do Pentateuco samaritano aí situa, e não sobre o monte Ebal (Deut. 27, 4), o primeiro sacrifício dos hebreus na Terra Santa; era a montanha das bênçãos (Deuterónimo 27, 11-14).

Jesus não levanta os olhos para o Garizim. É solene a sua resposta. Pede a fé à mulher, calada e suspensa dos seus lábios: “Mulher, podes acreditar-me: vai chegar a hora em que, nem neste monte,

⁸ Em Gen. 22, 2 os Samaritanos não liam COIIO os Judeus "no país de Moryya" mas no país de Moré, perto de Siquem, como em Genesis 12, 6,

nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai". Terminou o tempo do culto ligado a uma montanha, por mais sagrada que seja; prescrito o conflito dos Templos. Jerusalém? Guarizim? Jesus está para além deste debate. Englobando, sem distinção, Judeus e Samaritanos na mesma visão profética, anuncia uma viragem na história religiosa do mundo. Mas vem a Hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade – pois o Pai deseja que tais sejam os seus adoradores". O que importa a Deus não é o lugar, mas a natureza do culto que lhe prestam: "Deus é espírito, e é em espírito e verdade, que os Seus adoradores O devem adorar".

O significado da palavra espírito, indicado no capítulo precedente, foi estranhamente deformado por não se ter considerado o seu sentido bíblico. A nova religião que Jesus aqui anuncia não é uma religião puramente interior e individual, sem rito, nem corpos, nem dimensão social. Não é espiritual no sentido de imaterial, mas no sentido de que é obra do Espírito de Deus e não da criatura, que é carne. No coração do homem regenerado pela água e pelo Espírito (3, 5) sobe a prece filial: "Abba" "Pai!" (Romanos 8, 15; Gálatas 4, 6) a única que agrada a Deus, por ser a única que reconhece o seu Espírito. Esta religião é em verdade, porque se fundamenta na revelação que o Pai faz de si próprio e do seu amor em seu Filho, que é a Verdade (14, 6; cf. 1, 14).

A resposta de Jesus ultrapassa o horizonte da Samaritana que recebe a revelação com ar distante: "Eu sei que está a chegar o Messias, que se chama Cristo. Quando Ele vier, há-de nos revelar tudo". Cai então toda a realidade, como um fruto maduro: "Eu o sou, eu que te falo".

Segunda cena (4, 26 – 42): a ceifa dos últimos tempos

Entretanto os discípulos regressam da aldeia com os mantimentos. Já a mulher se retirara, deixando ali a sua bilha de que não necessitava mais. Apressa-se a ir à aldeia mas é outra a mulher que regressa: a pecadora converteu-se em anunciadora do Messias: "Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será Ele o Messias?" Logo a aldeia fica toda em desassossego e, através dos trigais, os Samaritanos encaminham-se para o poço de Jacob.

Ali desenrola-se outra cena. Jesus, instado pelos seus discípulos a comer, afasta os alimentos que lhe apresentam: "Tenho um alimento para comer que vós não conheceis! O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou para realizar a sua obra". Muito mais do que ao convite para comer, Jesus responde á interrogação muda que leu nos olhos dos discípulos quando regressaram: "Que querias dela?" ou "Porque lhe falavas?" Deve explicar-lhes este facto que tanto surpreendeu a própria mulher: porque falou, contra todos os costumes, a esta mulher, a esta samaritana? À maneira oriental, a resposta vem envolvida em enigmas e parábolas: falando á mulher, cumpriu aquela missão para a qual o Pai o enviou ao mundo e da qual vive e se alimenta. É por isso que repele todo o alimento.

E eis que, alargando a perspectiva, Jesus volve o olhar para as searas, através das quais se encaminham os Samaritanos. Então mostra aos discípulos ainda indiferentes, a ceifa espiritual que os espera e da qual estes homens são as primeiras espigas: "Não dizeis vós: ainda há quatro meses até vir esta ceifa? Pois bem, Eu vos digo: erguei os olhos e vede: os campos estão brancos para a ceifa!" A hora da colheita dos últimos tempos, a hora da grande alegria messiânica, soou. Acabaram as sementeiras! Chegou o momento de enceleirar. Começa o "tempo da Igreja". Acabou o tempo de espera: Os discípulos de Cristo são, por sua vez, enviados a ceifar.

Numa visão profética, Jesus vê-os introduzirem-se nestes campos imensos onde outros, e sobretudo ele, se fatigaram a semear. Convida-os ao trabalho, na consciência da unidade da obra divina

e do trabalho dos que O precederam: “pois nisto se verifica o ditado: Um é o que semeia e outro o que ceifa. Eu mandei-vos a ceifar o que vós não trabalhastes. Outros trabalharam e vós viestes participar no fruto do seu trabalho.

A cena termina na aldeia, onde Jesus, durante dois dias, se hospedou. Conquistou o coração dos Samaritanos. E são eles próprios que, seduzidos pela sua palavra, tiram e proclamam em coro a lição do acontecimento: E diziam à mulher: Já não é por causa da tua fala que acreditamos: nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo!

TEMA Nº 5 – S. JOÃO 5, 1 – 47

A cura do enfermo e a piscina de Bethsaida

Com o capítulo 5º de S. João começa a descrição, propriamente dita, do conflito que opõe Jesus aos chefes religiosos do seu povo. É total o contraste com o acolhimento caloroso dos Samaritanos. Estabelece-se a luta a propósito da cura realizada num sábado e, imediatamente, é levada aos extremos. Neste aspecto, este capítulo é um capítulo-chave. Nele se vê nascer não somente o antagonismo dramático que teve por desenlace o Calvário, como também se descobre a causa e a sua verdadeira natureza.

1 – Quadro cronológico e topográfico (5, 1-4).

O acontecimento anda ligado a uma festa dos Judeus. O evangelista não indica qual ela seja. Quis somente insistir no facto de esse dia ser um sábado (v. 9). A controvérsia que se seguirá vai mostrar porquê.

O local do acontecimento é Jerusalém. Jesus subiu até lá para a festa. João ainda especifica mais. Existe em Jerusalém, escreve ele, uma piscina das ovelhas a que, em hebraico, se chama Bethsaida. O teor exacto do texto é discutido. Alguns pensam que S. João fala não da piscina, mas da porta das ovelhas, ou porta probática, na muralha norte do Templo (Nohemias, 3, 1,32; 12,39). Quanto ao nome de Bethsaida significa “corte”. Era o nome dum bairro de Jerusalém separado da cidade por uma vala, um fosso. Dela teria o bairro tirado o seu nome. Alguns exegetas preferem dar-lhe, contudo, o nome de Bethesda (ou Casa da Misericórdia) ou mesmo Bethsaida.

S. João acrescenta que o edifício tinha cinco pórticos. Não há muito A. Loisy troçava a propósito desta piscina em forma de pentágono e extraía daqui argumentos contra a historicidade do quarto Evangelho. Ora as escavações dirigidas pelos Padre Brancos dão razão ao quarto Evangelho. Os restos da piscina de cinco pórticos (cinco arcadas) encontram-se no terreno. Tinha a forma dum trapézio, guarnecido de pórticos nas quatro faces, mas Loisy não pensara nesta solução. Um muro com a largura de 6, 50 m⁹ dividiu-o em dois tanques. Nesse muro ficava a quinta arcada.

Debaixo deste pórticos jazia grande número de enfermos, cegos, coxos, entrevados. Com efeito, a água da piscina passava por ter uma virtude curativa, crença partilhada pelos pagãos, como o demonstram os vestígios dum culto a Esculápio, encontrados no local. Esta virtude julgava-se ligada ao movimento da água. Proviria este afluxo rápido das águas duma fonte termal intermitente que alimentaria a piscina e renovaria a intervalos o seu poder medicinal? Ou antes, como propõe o Padre Lagrange, a vinda das novas águas, mais puras, retidas até então de qualquer modo? Ao certo nada se pode dizer. Aliás, é preciso reparar que a parte final do v. 3 no respeitante à espera do fenómeno pelos doentes falta em vários manuscritos. Quanto ao v. 4, que liga o movimento da água à descida de um anjo na piscina, falta nos mais antigos e melhores manuscritos gregos e em algumas das mais antigas traduções. Muitos exegetas consideram-no como um acrescento posterior ao Evangelho: glosa muito antiga em que se relacionaria uma explicação popular do fenómeno.

⁹ Sobre estas questões que dizem respeito a arqueologia ver o excelente livrinho de Mgr. C. Kopp “Itinéraires evangeliques”, Marne 1964 (traduzido do alemão) ou a obra, menos técnica mas muito sólida de A. Parrot, “Terre du Christ”, Paris, Delachaux et Niestlé, 1965.

2 – A cura do enfermo (5, 5-9a).

Jesus vem a este “pátio dos milagres”. S. João não indica nem a ocasião, nem as circunstâncias, nem porquê. O importante é que, subitamente o Salvador se encontra no meio dos doentes. Até parece que só se encontra ali por causa de um deles: um homem que havia trinta e oito anos estava doente. De que enfermidade sofreria este homem? Sobre isto, nem uma palavra. O que prende a atenção do evangelista é a antiguidade do mal: trinta e oito anos, o que quer dizer que era incurável. O homem é a própria imagem do infortúnio. Infortúnio reforçado por decepção cem vezes repetida e por isolamento total: de facto, por causa da sua enfermidade o pobre homem chegava sempre demasiado tarde para aproveitar o movimento da água e ninguém pensava em ajudá-lo: não tinha ninguém que o lançasse na piscina quando a água se começava a agitar.

O olhar de Jesus poussa, com especial compaixão, neste infeliz de quem conhece a lamentável história. Sem preâmbulo interpela-o: “Queres ficar são?” A resposta do enfermo eleva-se para Jesus como queixume resignado... A réplica cai sobre ele fulgurantemente: “Levanta-te, toma o teu catre e anda!” E logo o homem ficou são: tomou o seu catre e pôs-se a caminhar.

É impossível exprimir com menos palavras que Jesus é o único Salvador e a fonte da vida. Nesta passagem encontram-se desenhados em traços decisivos as características próprias da acção de Cristo; a sua liberdade, a sua instantaneidade imprevisível, a sua força e, ao mesmo tempo, a necessidade que esta quer ter da cooperação e da adesão interior do homem. “Queres ficar são?” A graça de Cristo vem na hora própria quando por vezes se passaram já os limites do desespero; mas nunca salva o homem puramente do exterior, nem sem ele nem contra sua vontade; faz apelo ao seu consentimento; maia ainda, suscita-o. Desperta-lhe a vontade de viver. Fá-lo amar e desejar a sua própria salvação. Fá-lo concorrer para a sua própria reabilitação e promoção. É isto mesmo o renascer em Espírito. Os Evangelhos sinópticos exprimem, em suma, a mesma doutrina quando mostram Jesus louvando a fé dos doentes que vêm ao seu encontro.

3 – O conflito com os chefes judeus (5, 9b-18).

Mal se opera a cura, já a tempestade sobe no horizonte: ora aquele dia era um sábado. Apenas o homem do catre dá um passo, ei-lo às voltas com as autoridades religiosas e julgado. Diziam, por isso, os judeus ao miraculado: É sábado e não podes levar esse catre”. Efectivamente, por uma interpretação abusiva do mandamento divino (cf. Jeremias 17,21 s.), transportar uma coisa como um catre, em dia de sábado, era considerado uma violação da Lei. O miraculado atribui – com razão – a responsabilidade moral do seu acto àquele que lhe comunicou sobrenaturalmente a força para o realizar. Mas ele respondeu-lhes: “Quem me curou é que me disse: Toma o teu catre e caminha”. O processo faz ricochete. Eles perguntaram-lhe: Que homem é esse que te disse: “Toma o teu catre e caminha?”. Na realidade é dupla a questão: “Quem é este homem?” e “Com que direito viola ele o sábado? O enfermo ignora uma e outra; Jesus agira incógnito.

Aqui aparece um breve entreacto que, revelando ao enfermo a identidade da pessoa que o curou, abre o caminho ao confronto directo de Jesus e dos chefes judeus. Um pouco mais tarde encontrou-o Jesus no Templo e disse-lhe: “Eis-te curado; não tornes a pecar para não te suceder coisa pior”. À primeira vista poder-se-ia crer que Jesus, partilhando a opinião corrente no meio judeu, considera a enfermidade deste homem como consequência do pecado. Os seus discípulos exprimirão mais tarde esta maneira de ver a propósito do cego de nascença (9, 2 s.). A resposta dada por Jesus,

nessa ocasião, não deixará nenhuma dúvida sobre o seu pensamento: rejeita ligar a enfermidade a uma falta. Aquilo, do mesmo modo, somente quer indicar ao enfermo ao que o obriga a cura; a graça recebida, reanimando-o no corpo, convida-o a converter-se completamente a Deus. Menosprezando-a, arriscar-se-á a um mal maior que a enfermidade passada; expor-se-á à morte espiritual... O milagre era o sinal da conversão e da entrada numa nova vida (cf. Mateus 9, 1-8). Assim o interpretou a antiga tradição cristã que se comprazia em ver neste acontecimento um símbolo do baptismo. Mais do que testemunho prova mesmo que, nos primeiros séculos, se ministrou muitas vezes este sacramento na piscina de Bethsaida, em memória do gesto de Jesus.

Conclui-se deste entreacto que o enfermo, entusiasmado, foi contar aos chefes judeus que tinha sido Jesus quem o curara.

Desta vez a tempestade explode: os Judeus perseguiram Jesus, visto Ele fazer tais coisas ao sábado. O Evangelho subentende que se travaram ásperas discussões. A defesa de Jesus resume-se nesta sentença lapidar: “Meu Pai actua continuamente (1), e eu também actuo”. Jesus aponta o exemplo de Deus. De facto, os judeus admitiam que o repouso de Deus, depois da criação (Génese 2, 2 s.; Êxodo 20,11; 31,17) só dizia respeito à sua actividade criadora, que findou no sétimo dia; mas pensavam que, como rei soberano, Deus trabalha sem descanso até ao presente, a reger e a julgar o Mundo criado por Ele. Deus nunca descansa nem mesmo em dia de sábado. Com o à vontade tranquilo de Filho, Jesus atribui à sua própria pessoa e como se fosse Seu, o privilégio reconhecido a Deus; e chama-lhe “seu Pai”. Pode conceber-se a indignação dos Judeus. Por “meu Pai” e “eu também”, Jesus parecia identificar a sua própria actividade à de Deus. Também, conclui S. João, daqui resultou que os judeus mais se esforçavam por lhe dar a morte, não só por violar o sábado, mas também por chamar a Deus seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.

4 – A defesa de Jesus (5, 19-47).

S. João refere agora, na forma de exposição de grande densidade teológica, o que foi a defesa de Jesus, em resposta à acusação de blasfemo que lhe fora lançada. Jesus não renega nada da sua pretensão a actuar como Deus em dia de sábado, mas explica-a e justifica-a. O que seria impiedade para qualquer outro, pela sua parte não é senão verdade, visto que é o Filho a quem o Pai tudo entregou e que não fala nem age senão em estreita união com o Pai.

A defesa de Jesus divide-se em duas partes principais: a) 5, 19-30: Jesus salienta a unidade de acção do Pai e do Filho e apresenta-se como juiz dos vivos e dos mortos; b) 5, 31-47: em apoio das suas afirmações, Jesus apresenta os seus testemunhos; condena a incredulidade dos chefes judeus.

Primeira parte: (5, 19-30). Notem-se a sentença com que começa este parágrafo (v. 19), e a que o termina (v. 30). Segundo a maneira de proceder semítica, conhecida pelo nome de “inclusão”, elas correspondem-se mutuamente e condensam todo o desenvolvimento de que indicam a ideia principal. Jesus revela o próprio segredo da sua acção, que está totalmente na dependência do Pai e se funda na contemplação constante do Pai: não pode o Filho fazer nada por Si mesmo se não vir o Pai fazer alguma coisa; pois aquilo que Este faz, também o Filho o faz igualmente.

O Pai não somente revela a sua obra a Jesus, como a um profeta, mas mostra-lha sem véu, como um Pai a seu Filho. Sem sombra, sem cessar, como seu intermediário, o Filho contempla o próprio Pai a agir. Age, o olhar posto no Pai, cujo olhar também não deixa o Filho a quem não cessa de se comunicar. Quer dizer, a obra é comum e se o Filho não faz nada que não veja fazer ao Pai, o Pai nada

faz fora do Filho. “Não é suficiente, diz muito bem Mons. Cerfaux, dizer que Cristo copia o Pai na sua actividade”. A obra do Filho é idêntica à do Pai: todo aquele que a vê, vê o pai agindo: “Eu e o Pai somos um só” (10,30).

Esta comunhão com o Pai tem a sua raiz no amor do pai pelo Filho, porque o pai ama o Filho e mostra-lhe tudo o que Ele mesmo faz. Tal é o segredo escondido no âmbito das obras de Cristo. Revelam o amor do Pai pelo Filho e do Filho pelo Pai, e o Seu amor comum pelos homens.

Jesus especifica o que são as suas obras (v. 21 s.). Resumem-se em: vivificar e julgar. Este duplo poder que é, segundo a Bíblia (Deuterónimo 32, 39; 2 Reis 5, 7 etc.), um poder propriamente divino, encontra-se integralmente comunicado ao Filho; a cura do incurável na piscina de Bethsaida, em dia de sábado, é prova disso. Mas, acrescenta Jesus, o Pai mostrará (ao Filho) obras maiores do que estas, de modo que ficareis admirados. Jesus anuncia novos milagres, de que a ressurreição de Lázaro marcará o cume, prelúdio ela mesma da ressurreição de Jesus e das obras realizadas a seguir pelos seus discípulos (14, 12). De facto o Pai ligou, para sempre, a sua Glória à do Filho, para todos honrarem o Filho, como honraram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai, que o enviou. Jesus reivindica o lugar principal no centro da nova religião, tanto como o Pai e por vontade deste.

Todavia, poder-se-iam iludir sobre a natureza da obra confiada a Cristo pelo pai. E então Jesus esclarece. A vida que traz aos homens não se limita à saúde do corpo: dá a vida eterna, que está ligada à fé, que leva a reconhecer na sua palavra a própria palavra do pai e na sua voz, a voz do Filho de Deus: “Quem ouve a minha palavra e acredita n’Aquele que me enviou tem a Vida Eterna...; já transitou da morte para a Vida”. Jesus dá ao crente a vida que tem em si, como fonte, e de que dispõe como o próprio Pai. A alusão ao baptismo parece aqui bastante transparente.

No entanto, Jesus, alargando a visão até aos extremos limites do tempo e da história, apela agora para a hora do Juízo final. Nessa hora, que vem inelutável, a sua própria voz, que presentemente ressoa sobre a terra, ecoará de novo. Por ela o Pai despertará os mortos e tirá-los-á do túmulo: “Todos os que estão nos túmulos hão-de ouvir a sua voz: os que tiverem feito boas obras irão para a ressurreição da Vida, e os que tiverem praticado más acções, para a ressurreição da condenação”. Então Jesus aparecerá na glória do Filho do Homem, Senhor da vida e da morte, soberano Juiz que os Judeus não souberam reconhecer no signal de Bethsaida.

Para concluir Jesus retoma a sua afirmação inicial sob uma forma ligeiramente diferente: “Conforme ouço é que julgo”. O Filho está à escuta do Pai, só atento à sua vontade, porque “não busco a minha vontade mas a vontade d’Aquele que me enviou”. Esta última frase não significa que Jesus não tem vontade própria mas que esta está em dependência absoluta da vontade do pai, que se alimenta (4, 3-4), e de que é livre e totalmente mediador no amor.

Segunda parte (5, 31 – 47). Na segunda parte da sua exposição, Jesus responde a uma objecção eventual, que assim formula a si próprio: “Se eu der testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não passa por verídico”. Ninguém pode ser o seu próprio testemunho. A objecção reaparecerá em 8,13, desta vez nos lábios dos Fariseus, e Jesus encará-la-á sem nada lhe conceder, porque o caso do Filho é único: com efeito, só o Filho conhece o seu próprio mistério; é pois o único a ser testemunha: “Ainda que eu dê testemunho de mim mesmo, é verídico o meu testemunho, porque sei donde vim e para onde vou!” (8, 14-18). Mas, no capítulo 5, Jesus aceita entrar na objecção para a refutar do interior. Em apoio das suas pretensões exorbitantes, pedem-lhe para citar as suas “testemunhas”. Seja assim, apresentá-las-á. Há em primeiro lugar João (o Baptista), que deu testemunho da verdade (cf. 1, 19 seg.),

contudo João não passava dum homem e Jesus não recebe testemunho dum homem; se o nomeia é porque os Judeus mandaram enviados e enviaram o seu depoimento.

Mas Outro dá testemunho de Jesus: o Pai. Fá-lo através das obras do Filho: “essas obras que faço, atestem, a meu respeito, que o Pai me enviou”; porque estas obras são um dom que o Pai faz ao Filho (5, 36; 17, 4) (1)¹⁰. Há também o testemunho das Escrituras que os Judeus esquadrinham, com a ideia de aí encontrarem a vida eterna. “E são elas que dão testemunho de mim. Vós, porém não quereis vir a Mim, para terdes a vida!”

Então Jesus, passando ao que se poderia chamar contra-ataque, põe agora a nu a raiz da incredulidade dos chefes judeus a seu respeito. Não é preciso procurar outra além da resistência culpável às iniciativas do amor de Deus: “Aliás, bem vos conheço, não tendes em vós o amor de Deus”. Esta expressão pode entender-se tanto do amor do homem para com Deus, como do amor de Deus para com os homens. Este segundo sentido parece mais conforme o texto usado por S. João (cf. 3, 16; 1ª Epístola 2, 15; 4, 16). Os judeus opõem-se às iniciativas do amor de Deus. E a causa desta resistência são o orgulho e o respeito humano. Estes homens são escravos da glória humana, da opinião e da honra mundana: “Como podeis acreditar, vós que tirais glória uns dos outros e não buscais a glória só da parte de Deus!” (cf. 12, 34). Para acreditar em Cristo, necessitariam de romper com todo este conformismo, com toda a preocupação do que se poderia dizer, e arriscar-se à aventura de escutar a palavra de Deus em Cristo. Isto seria sabedoria porque, neste momento, para os Judeus, a única maneira de serem fiéis a Moisés é ultrapassarem Moisés, para seguir Aquele de quem Moisés falou. Mas como é duro ser-se fiel até ao fim, e quão fácil é arranjar boa consciência por uma fidelidade de superfície! Os chefes judeus perder-se-ão por uma fidelidade na realidade infiel: “Não penseis, diz-lhes Jesus, que eu vou acusar-vos ao Pai. Será Moisés, em quem vós puseste a vossa esperança, o vosso acusador. Porquanto se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em Mim, visto ele ter escrito a meu respeito”.

¹⁰ Cf. A. Vanhoye, L'oeuvre du Christ, don du Père, em « Recherches de Science Religieuse », 1960, pags. 379 - 419.

TEMA Nº 6 – S. JOÃO 6, 1,71O Mistério do pão da vida1 – Localização no Evangelho

Depois do mistério das bodas (Caná), do da nascença (Nicodemos) e, por fim, do da água viva (Samaritana), S. João introduz-nos agora no mistério do Pão, mistério esse profundamente humano: ganhar o pão do lar, dá-lo aos filhos, não é um dos principais problemas dos esposos? O Capítulo sexto de S. João lança intensa luz sobre este problema vital.

Sob outro aspecto contém um ensinamento fundamental. O capítulo precedente apresentava Jesus em conflito com os chefes religiosos do seu povo, rebeldes à sua palavra, baseados em falsa concepção da Escritura e da Lei; este apresenta-o em conflito com a turba da Galileia, extraviada pelos seus sonhos messiânicos. Num e noutro caso Jesus opõe-se ao erro religioso, quer seja mais erudito, quer mais popular, e apresenta em toda a pureza, sem compromissos nem desvio, a sua mensagem.

2 – Estrutura do capítulo

O capítulo divide-se em três partes principais: - o sinal (6, 1-21); o sermão de Cafarnaum (6, 22-59); - a oposição (6, 60-71).

3 – O sinal (6, 1-21)

Tal como a transformação de água em vinho, nas bodas de Caná, também a multiplicação dos pães é, para S. João, um “sinal” (6, 14-26), mais, portanto, que um simples prodígio. Ao mesmo tempo que é milagre, é uma espécie de parábola viva reveladora de um dom de Deus. A multidão não vê nisto senão a demonstração dum poder sobrenatural que designa Jesus como o rei messiânico dos seus sonhos. Por isso como vissem aqueles homens o milagre que Ele fez, começaram a dizer: “Este é na verdade, o Profeta que está para vir ao mundo”. Mas Jesus conhece a ambiguidade deste messianismo popular e não quer ser seu cúmplice. Percebendo que viriam arrebatá-lo, para O fazerem rei, mas rei à sua maneira; retirou-se novamente Ele só, para o monte. Jesus repele esta investidura real, cheia de equívoco. Recusa deixar-se prender e arrastar para uma aventura contrária à sua verdadeira Missão.

Como noutros casos, o Evangelho de S. João esclarece aqui um ponto da história obscuro nos Evangelhos sinópticos. Com efeito, S. Marcos refere somente que após a multiplicação dos pães, Jesus forçou os seus discípulos a subirem para o barco e a irem à frente para o outro lado, defronte de Bethsaida, enquanto Ele próprio despedia a multidão. (Marc. 6,45) Porquê este embarque forçado e precipitado dos apóstolos? Porquê esta despedida da multidão? Sá S. João dá a razão: Jesus foi objecto de uma manifestação de entusiasmo messiânico que ameaçava falsear o sentido do seu mistério; rejeitou-a, como tinha rejeitado a tentação do deserto. (Mat. 4, 8-10).

A multiplicação dos pães é brilhante manifestação messiânica, não menor que as outras. Jesus, na narração de S. João, mais ainda que na dos Sinópticos (Mat. 14, 13-21); Marc. 6, 32-44); Luc. (9, 10-17) aparece aqui como o Messias, que “recebe à sua mesa e sacia o povo de Deus”. Seguia-O numerosa multidão, por ver os milagres que fazia nos enfermos. É Jesus que, pela sua pergunta a Filipe (v. 5), toma a iniciativa de os alimentar. “Onde havemos de comprar pão para eles comerem?” É Ele que organiza a

acção, que ordena: “Mandai-os sentar”, é Ele que toma os pães... e os distribui aos convivas, fazendo o mesmo com peixes, tantos quantos lhes apetecessem; finalmente, é Ele que ordena aos discípulos que recolham os sobejos.

Tudo está ordenado para realçar o brilho ou, poder-se-ia dizer, a glória do sinal: a imensa multidão, avaliada em cerca de 5.000 homens; a estimativa dos meios para os alimentar: “Não lhes chegam duzentos denários de pão, para receber cada qual um pouquinho”; a desproporção dos meios disponíveis: “Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isso para tanta gente?” e, em contraste, como nas bodas de Caná, a superabundância do milagre. Efectivamente, por ordem de Jesus, os discípulos recolhem o restante e encontra-se com que encher doze cestos ou ceiras, o mesmo é dizer, com que alimentar simbolicamente o povo das doze tribos.

Já se observou que, em S. João, este facto constitui como que desdobramento do sinal. Nos outros Evangelhos só se fala dos restos deixados e apanhados e, segundo S. Marcos, estes restos são tanto de peixe como de pão; o quarto Evangelho, pelo contrário, só menciona o pão e, parece, dele havia ainda para distribuir em abundância; trata-se dum verdadeiro excesso do milagre... A multiplicação dos pães aparece, pois, como o dom real do Messias ao seu povo. Mas enquanto que a multidão se extravai no sonho dum messianismo de aventura, Jesus visa uma realidade espiritual muito diferente. Pensa no Pão que não perece e na Mesa eucarística onde saciará os seus para sempre.

Entretanto, quer em S. João quer nos outros sinópticos, segue-se à multiplicação dos pães, alguma horas mais tarde, um outro sinal deslumbrante: O de Jesus andando sobre as águas do mar. Mais do que a narração dos Evangelhos sinópticos, a de S. João está ainda centrada na pessoa de Jesus. O acalmar misterioso da tempestade que aparece nos sinópticos em primeiro plano, é aqui somente insinuado. Mais importante para S. João é a presença súbita de Cristo junto dos seus discípulos, mergulhados na tempestade e na noite, e a palavra de ressonância divina que lhes dirige: “Sou Eu” Jesus, que repeliu a oferta da realeza temporal e humana, reaparece aos seus discípulos na majestade, na glória da aparição divina. É preciso ver aqui, certamente, um sinal precursor da revelação que Jesus fará, ao outro dia, da sua presença indefectível junto dos seus na glória pascal.

4 – O sermão de Cafarnaum (6, 22-59)

No dia seguinte Jesus e a multidão encontram-se novamente em Cafarnaum. O reencontro tem algo de misterioso. De facto a multidão que se encontrava do outro lado do mar, verificou que ali não estivera outra embarcação além daquela e que Jesus não entrara no barco com os seus discípulos, mas só os seus discípulos se haviam retirado. Intrigados, perguntam a Jesus: “Rabbi, quando chegaste aqui?” De algum modo, o sinal de Jesus andar sobre as águas era-lhe também destinado.

Em seguida, Jesus procede por partes porque é longo o caminho a percorrer; como o era para Nicodemos e para a Samaritana, como o é para toda o homem que deve passar das realidades da fé, da terra para o céu, da carne para o Espírito. Jesus começa por tomar os seus interlocutores onde estão e como são. Porque é que eles se puseram a procurá-lo? Jesus diz-lhes o motivo sem rodeios: “Em verdade, em verdade vos digo: vós buscais-me, não porque vistes milagres, mas por haverdes comido dos pães e vos terdes saciado”. Dominados pelo seu sonho de prosperidade temporal, não viram, na véspera, o sinal que lhes tinha sido feito. Vêm a Jesus por causa dos pães materiais com que foram saciados. Não discerniram a realidade.

Para os elevar até lá, Jesus parte das preocupações concretas deles. Estes homens são aldeões galileus, trabalhadores; trabalham duramente pela subsistência. Ganhar o pão quotidiano para o lar é a sua maior preocupação, a sua constante preocupação. Jesus não os censura por isso. Mas esta preocupação legítima pode tornar-se uma ratoeira: o homem está sempre em risco de nela cair. Jesus convida-os a olhar mais alto: “Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que se conserva até à Vida Eterna”.

Homens religiosos, os camponeses da Galileia, compreendem-no! Jesus pede-lhes para trabalharem para Deus e para o seu Reino. Daí a pergunta: “Que havemos de fazer para realizar as obras de Deus?” Então Jesus indica-lhes o que deveriam ter compreendido na véspera: “É esta a obra de Deus: que acrediteis n’O que Ele enviou”.

A multidão apercebe-se de que Jesus se apresenta como o enviado de Deus. Antes de lhe dar totalmente a sua adesão de fé, estes homens reclamam um sinal. Querem uma prova demonstrativa, brilhante e irrefutável, da sua missão divina. Uma tal exigência pode parecer estranha no dia seguinte ao milagre da multiplicação dos pães. Mas a multidão explica-se: o que quer é um sinal análogo aos milagres realizados por Moisés. De facto, esperava-se do Messias que repetisse, e ainda mais maravilhosamente, os mesmos prodígios do Êxodo. E a multidão chega mesmo a citar o salmo 78, 24: “Deu-lhe a comer um pão que veio do céu”. Jesus viu-se pois intimado a fazer chover, como no tempo de Moisés, o pão das alturas do firmamento... O pão multiplicado na véspera, não era mais do que pão terrestre. Esperam agora o pão celeste.

Começa então, propriamente, a sermão sobre o Pão da vida. Jesus, interpretando com autoridade a Escritura (Êxodo 16, 4. 13-15); Deuterónimo 8, 3; Salmo 105, 40; Noemias 9, 15; Sabedoria 16, 20), revela aos seus interlocutores a verdadeira significação do milagre do maná. Aquele que caía do firmamento não era ainda o verdadeiro maná, o pão do céu, o verdadeiro: não era mais do que a sua imagem profética.

O verdadeiro pão de Deus, é aquele que desce do céu e que dá a vida ao mundo. Jesus desenvolve o verdadeiro alimento, o único que couraça contra a morte, é Ele mesmo, descido do céu: “Eu sou o Pão da Vida: Aquele que vem a Mim nunca terá fome e aquele que acredita em Mim nunca terá sede”. No meio dos murmúrios dos seus interlocutores, Cristo continua para a frente. As afirmações tornam-se cada vez mais categóricas: “Eu sou o Pão vivo descido do Céu. Se alguém comer este Pão, viverá eternamente... É que a minha carne é, em verdade, uma comida e o meu sangue é em verdade uma bebida... Tal é o Pão que desceu do Céu; não é como aquele que os pais comeram e morreram; quem come deste Pão viverá eternamente”.

Os teólogos, no concílio de Trento, discutiram largamente a questão de saber se as afirmações de Jesus, neste capítulo, se devem entender da Encarnação ou se visam a Eucaristia. No primeiro caso o pão vivo que desceu do céu não seria, como a luz, o pastor, a vinha, o cordeiro de Deus, mais do que um dos grandes símbolos, pelos quais Jesus exprime, no Evangelho, a sua missão junto dos homens: o comer significaria acreditar n’Ele. Esta solução não foi excluída pelo concílio, que deixou o debate em aberto.

Contudo, o sentido eucarístico parece dificilmente contestável sobretudo na última parte do sermão (6, 51-58) em que o realismo das expressões e a semelhança das palavras pronunciadas por Jesus na Ceia se vão acentuando sem cessar. Efectivamente a disjunção Encarnação ou Eucaristia não parece ter fundamento, porque as duas realidades se compenetraram e se apoiam mutuamente através de todo o capítulo. O próprio Jesus se revela como sendo a Vida oferecida aos homens sob o símbolo do

pão: e é esta realidade que o sacramento eucarístico exprime, actualiza, realiza e propõe a fé. Tal parece ser o pensamento central do capítulo, tomado no seu conjunto.

O objectivo próprio do quarto Evangelho sobre a Eucaristia é, pois, claro. Para S. João esta é, por excelência, o sacramento do pão da vida. Não que S. João ignore os aspectos desenvolvidos por S. Paulo e pelos Evangelhos sinópticos. Expressões como a minha carne pela vida do mundo (v. 51), mostram com evidência que o aspecto sacrificial do sacramento, memorial da morte do Senhor, não é desprezado. A carne que é preciso comer é a carne oferecida em sacrifício e o sangue que é preciso beber designa a taça sacrificial. A doutrina na unidade do povo de Deus, na participação do mesmo e único pão, também não é estranha ao pensamento de S. João; a cena do povo reunido, recebendo de Jesus o pão do milagre que as suas mãos abençoaram, a recolha dos sobejos, tudo isto implica uma noção comunitária da Eucaristia. Contudo, estes não são os pontos que S. João mais acentua na sua doutrina eucarística. Na Eucaristia, o quarto Evangelho vê, antes do mais, o dom que Deus nos faz de seu filho como alimento. A Eucaristia é o maná verdadeiro, o pão que comunica aos homens a vida, pela união íntima a Jesus. Houve quem observasse, com toda a razão, os laços que ligam esta doutrina às tradições bíblicas e judaicas no que diz respeito à Sabedoria, à Palavra e à Lei de Deus, de que o homem se devia alimentar para ter a vida. Jesus reencontra, para revelar o seu próprio mistério, os aspectos da Sabedoria bíblica. Com ela, convida os homens a vir até ele, convida-os para o seu banquete (João 6, 35 s.; Provérbios 9, 5; Eclesiástico 24, 20 s.; Isaías 53, 1-3). A novidade inaudita é que, na sua pessoa, a Sabedoria deixa de ser uma realidade abstracta; aparece incarnada e viva, à luz da história. Levando até ao fim as tendências universalistas dos livros sapienciais, Jesus dirige-se a todo o homem e apresenta-se-lhe como seu pão.

5 – A opção (6, 60-71)

Os discípulos estão atemorizados. Muitos dos seus discípulos disseram, depois de O ouvirem: “É dura esta linguagem: quem pode escutá-la?” Jesus refere-se agora à sua ascensão para junto do Pai: “Então, subido o filho do Homem para onde estava anteriormente”, é investido na omnipotência do Espírito será, na sua própria carne, a Fonte donde jorra a vida para o mundo, porque é o Espírito que vivifica, a carne em si não serve para nada. Mas é em vão que Jesus fala. É a deserção quase geral... O belo entusiasmo da véspera dissipa-se como fumo ao vento.

Ficam os Doze. Jesus volta-se para eles: Também vós quereis partir? É preciso que eles se comprometam: ou que confessem a sua fé em Jesus, ou que se vão. Jesus não pode transigir: é o âmago do seu ser e da sua missão que estão em jogo. Neste instante dramático Pedro toma a palavra. Em nome dos Doze e, ainda sem o saber, de toda a Igreja do futuro, diz: “A quem iremos nós, Senhor? Tu só tens as palavras da Vida Eterna!”

A mesma opção é-nos proposta, também a nós, todos os dias. De cada vez que entramos numa Igreja para aí prestarmos homenagem à Eucaristia, vivemos o capítulo 6 de S. João, não como acontecimento do passado, mas como facto do presente. Renovamos pessoalmente a opção dos Doze; professamos à face do mundo, como o escrevia um jovem padre, morto prematuramente, que a “carne de Cristo é o pão supremo do Homem”. “Jamais teremos pão mais rico, mais eficaz, mais divinizante do que esse”.

Este pão, o Cristão autêntico entusiasma-se em o partilhar com todos os seus irmãos da terra. Mas o exemplo de Jesus, mostra-lhe o caminho a seguir: para muitos, o gosto do pão do céu não

despertará senão quando tiverem visto o seu irmão cristão partir com eles, como Jesus, o pão da terra. Efectivamente não é este o menor ensinamento deste capítulo de S. João; o de nos revelar a profundidade do mistério do pão, mediador do amor fraternal entre os homens; mediador da vida e do amor divino, pela graça da Encarnação de Cristo.

TEMA Nº 7 – S. JOÃO 10, 1-21; 26-30O BOM PASTOR1 – Localização da parábola no quarto Evangelho

A parábola do Bom Pastor conclui a longa secção central do Evangelho de S. João. Esta secção - pelo menos se admitirmos o plano litúrgico proposto - está totalmente ligada à festa das Tendões (Tabernáculos). Poder-se-ia intitular "a grande secção messiânica". Jesus subiu a Jerusalém para a festa e pôs-se a ensinar; o povo interroga-o a seu respeito. No dia mais solene da festa, o grande dia, Jesus proclama-se a fonte da água viva: "de pé, disse em voz alta: Se alguém tem sede venha até Mim...!" (7, 37-39). Recomeçaram as discussões. Jesus proclama-se a luz do mundo (8, 12). Os fariseus põem em dúvida o seu testemunho sobre si mesmo. Jesus obriga os Judeus a acreditar nele. É questão de vida ou de morte: "Se não acreditardes que Eu sou, haveis de morrer dos vossos pecados" (8, 24). Inicia-se um debate cerrado sobre a verdadeira raça de Abraão (8, 31 seg.). Jesus apresenta-se como o Filho de Deus anterior a Abraão: "Antes de Abraão existir, Eu sou!" (8, 56). Estas palavras são para os Judeus uma blasfémia. Apanham pedras para o lapidar. Jesus tem de se esconder e sai do Templo, furtivamente, como malfeitor (8, 59). Israel rejeita o seu Messias...

No capítulo 9, Jesus cura o cego de nascença: demonstra, por este sinal a verdade do seu testemunho: é a Luz do mundo. O cego curado, acredita em Jesus mas parte dos Fariseus obstina-se na incredulidade. Jesus condena em termos severos a sua cegueira. São cegos e não sabem que o são: "Vós dizeis: nós vemos! e o vosso pecado permanece" (9, 41).

É aqui que se insere a parábola do Bom Pastor. Apresenta-se, em primeiro lugar, como condenação aos maus pastores, guias cegos do povo de Deus. Em contraste com eles, Jesus proclama-se o único verdadeiro Pastor, encarregado de conduzir os homens à vida, o guia do verdadeiro e único rebanho. No contexto indicado vê-se o alcance desta página: não tem nada de idílico. Na realidade, consuma a ruptura entre Jesus e os chefes religiosos judeus incrédulos; como no capítulo 23 do Evangelho de S. Mateus, Jesus chama a si, resolutamente, a condução do verdadeiro Israel.

2 – O contexto bíblico

Jesus faz seu um velho tema bíblico. A imagem do Pastor, clássica no antigo Oriente, remonta às origens nómadas do povo hebreu. (Génesis 13, 2-5 seg.; 29, 1-9; 30, 43; 32, 12-14; 46, 33); Êxodo 3, 1; Deuterónimo 16, 5; etc.). A Bíblia é pródiga em alusões concretas à vida pastoril, por exemplo Génesis 21, 25; 26, 20-22; 31, 39 s.; 1 Samuel 17, 34 s.; Amós 3, 12; Luc. 2, 8; etc. O antigo Testamento faz também uso metafórico do título e da imagem do pastor, aplicados a Deus. Ainda que o título, propriamente dito, seja atribuído poucas vezes a Javé (Génesis 48, 15; Salmo 23, 1; 80, 2), a imagem pastoril aparece como uma das mais ricas expressões da aliança de Deus com Israel. Deus ligou-se ao seu povo como o Pastor do seu rebanho; Israel é o rebanho de Deus. O Êxodo é representado como grande "gesta" pastoral (Salmo 78, 52; Isaías 63, 11-14); o regresso do exílio reveste-se do mesmo teor (Jeremias 31, 10; Isaías 40, 11).

Mas Deus delega o encargo pastoral a homens da sua escolha: Profetas, Juizes, Sacerdotes, Reis (2 Samuel 5, 2; Jeremias 10, 21; Isaías 63, 11; Salmo 78, 71; etc.). Este tema dá origem aos maus pastores (Jeremias 2, 8; 10, 21; 12, 10; 13, 20; 23, 1-4; 50, 6; Isaías 56, 11; Ezequiel 34, 2-6; Zacarias 11, 15-17),

sobre o qual se vem inserir o do Messias, novo David que, como o primeiro (salmo 78, 70-72) fará pastar as ovelhas e será para elas um Pastor (Ezequiel 34, 23).

É à grande alegoria de Ezequiel 34, 1-31 que se liga intimamente o capítulo 10 de S. João. Seria preciso lê-lo antes de iniciar a leitura do texto do quarto Evangelho. Aí se põe em relevo uma situação análoga ao Povo de Deus, um mesmo requisito contra os maus chefes, uma progressão semelhante e mais do que uma expressão comum.

Devem também considerar-se os dados dos Evangelhos sinópticos. A imagem do Pastor encontra-se aí, mais do que uma vez, ligada à das ovelhas e do rebanho, para exprimir a dignidade messiânica de Jesus (Mateus 9, 36 s.; 26, 31), a sua obra de misericórdia e de perdão (Mateus 18, 12-14), a sua missão e a sua função de Juiz em relação ao povo de Deus (Mateus 10, 16; 25, 31 s.). A sua imagem é pois familiar a Jesus.

O capítulo 10 de S. João reúne num único quadro todos estes dados. Mas aqui a imagem atinge uma amplitude, uma força, uma profundidade teológica e interioridade espiritual sem precedentes: abrange toda a obra da Salvação e abre-se sobre o mistério do Conhecimento mútuo do Pai e do Filho.

3 – Estrutura do capítulo.

A secção do Bom Pastor compreende nitidamente duas partes: a parábola (10, 1-5); a incompreensão dos ouvintes e a explicação das principais chaves da parábola (10, 6-21, 26-30).

Alguns exegetas crêem descobrir nela elementos de diversas proveniências. Na própria parábola (1-5), o pastor é oposto ao ladrão que se introduz por fraude no redil com o único objectivo de roubar; o mesmo ponto de vista é retomado e desenvolvido na explicação (7, 10.14-16), com relevo particular dado à “porta” (v. 7,9). Contudo aparecem outros elementos que parecem provir doutra parábola, orientada de maneira ligeiramente diferente. Efectivamente em 11-13, o pastor é colocado em contraste não com o ladrão, mas com o mercenário que cuida pouco das ovelhas e foge quando o lobo se aproxima. É possível que o evangelista tenha reunido e fundido num só conjunto, em virtude da sua afinidade, duas apresentações próximas mas distintas de Jesus Pastor. A primeira (1-5 . 7-10 . 14-16), a mais desenvolvida, está centrada na relação de conhecimento mútuo e de confiança entre o pastor e as ovelhas; a segunda (11-13 . 17-18) na dedicação do pastor pelas suas ovelhas.

4 – Comentário

A parábola (10, 1-5) descreve uma cena da vida pastoril da Palestina. As ovelhas de vários rebanhos são metidas no redil, numa única cerca, circundada por um muro de pedras soltas. Aí passam a noite debaixo da vigilância de um guarda (o “porteiro da parábola). De manhã o pastor vem buscar o seu rebanho para o levar para a pastagem. Apresenta-se á porta do redil. O guarda abre-lhe a porta e o pastor chama as suas ovelhas, uma por uma. Todas têm nome, e saem quando o ouvem na voz do pastor que, quando estão cá fora todos os animais, Se coloca à frente do rebanho e se mete ao caminho, emitindo um grito ou um estalido na língua característico que as ovelhas conhecem; e elas seguem-no.

A esta descrição do pastor com as ovelhas, opõe-se em violento contraste a do desconhecido que trepa o muro da cerca à socapa. As intenções deste não são sérias; é o ladrão e o salteador. Para as

ovelhas, é o estranho. Será em vão que as chama; as ovelhas não se enganarão: não seguirão um estranho, mas hão-de fugir dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

S. João conclui: Jesus contou-lhes esta parábola; eles porém, não entenderam em que consistia o que lhes estava a dizer. Trata-se dos Fariseus mas estes não se reconhecem nem se sentem atingidos. Estão cegos a seu respeito (9,41) e não têm olhos para a Revelação que os salvaria, desvendando-lhes com a sua culpa, o mistério do Messias... O tema da incompreensão das parábolas é, aliás, um tema que todos os evangelistas focaram (Marc. 4, 10-12; etc.).

A segunda parte do discurso contém as principais chaves da parábola. As explicações estão centradas sobre a “porta” e sobre o “pastor”.

A propósito da porta, duas exegeses, assaz diferentes, são propostas. Na primeira, Jesus apresenta-se como a porta das ovelhas (10, 7). Tinha em mente, parece a porta de que falava na parábola, isto é a porta que dá acesso às ovelhas, aquela por onde passa o pastor. Jesus é a porta no sentido que para se dirigir legitimamente o rebanho é preciso passar por ele; como no caso de Pedro, depois da ressurreição (21, 15 s.). Quem, pelo contrário, pretende receber doutra fonte, que não seja Cristo, o direito de governar o povo de Deus, então é o ladrão e o salteador da parábola. A explicação visa os chefes judeus. No segundo caso (10, 9) Jesus apresenta-se como a porta onde passam, não já os pastores, mas as próprias ovelhas que se dirigem à pastagem. Ainda neste aspecto Jesus é a porta, a única porta da salvação. Não há outras vias de acesso às pastagens da vida eterna fora dele, o único Salvador, a luz do mundo (cf. Salmo 23, 2; Isaías 49, 9; Ezequiel 34, 14; Apocalipse 7, 17).

Quanto ao pastor, Jesus reivindica para si plena e totalmente tal cargo e dignidade. Ele é o Bom Pastor. O texto original grego usa o adjectivo belo que sugere a ideia do pastor plenamente digno desse nome; nele a nobreza e a majestade da condição de pastor resplandecem com todo o seu brilho.

É preciso insistir sobre a fórmula Eu sou, duas vezes repetida. Esta expressão característica reaparece muitas vezes no quarto Evangelho; “Eu sou o Pão da Vida” (6, 35-48); “Eu sou o Pão vivo” (6, 51); “Eu sou a Luz do mundo” (8, 12); “Eu sou a Porta” (10, 7.9); “Eu sou a Ressurreição (e a Vida)” (11, 25). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (14, 16); “Eu sou a Cepa” (15, 1). O seu sentido não é somente explicativo e declarativo. A fórmula liga-se ao Eu sou, pelo qual Yahvé, no Antigo Testamento, se revelava a Israel como seu Deus e Salvador, sempre presente e activo. (Êxodo 3, 14; Deuterónimo 32, 39; Isaías 43, 10) . Tem valor de compromisso e promessa, e ao mesmo tempo de revelação: Cristo compromete-se em relação às suas ovelhas e em relação ao pai que lhas confiou (10, 29). Não trairá a sua palavra; não falhará a sua missão. Será sempre o Bom Pastor. Isso confere à sua palavra uma indefectível juventude e actualidade.

O bom pastor quer o bem das ovelhas e não, como o ladrão, o seu morticínio. “O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que as ovelhas tenham a vida. A vida é, no Evangelho de S. João como na Bíblia, o resumo de todos os bens. Cristo, Bom Pastor, dá-a com munificência: em abundância. Esta plenitude superabundante do Dom, que nos é concedido em Cristo, é uma das características da teologia de S. João (1, 14.16; 2, 6-8; 3, 34; 4, 16; 6, 12; 13, 1).

Para lhes assegurar este bem da vida, o bom Pastor não recua diante do sacrifício da sua própria vida: O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas”. O seu amor é puro e desinteressado. Muito diferente do mercenário, que à aproximação do perigo abandona o rebanho e foge, o Bom Pastor enfrenta o inimigo e imola-se pela salvação das ovelhas. É que, ao contrário do mercenário, as ovelhas pertence-lhe, são dele, ossos dos seus ossos e carne da sua carne. Identifica-se com elas. Tudo o que lhes diz

respeito o atinge no coração. Cristo adoptou-nos e solidarizou-se connosco até este ponto. É evidente que aqui a realidade faz rebentar a imagem. Nunca nenhum pastor sacrificou a vida pelas ovelhas. Só Jesus é o verdadeiro pastor, como é o verdadeiro pão, a verdadeira luz, a verdadeira cepa. Ele é, na sua pessoa, aquilo de que tudo o mais é apenas um esboço: plenitude de graça e de verdade (1, 14.16).

Entre o Bom Pastor e as suas ovelhas existe um laço de conhecimento recíproco que os une estreitamente: “Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me”. O verbo conhecer deve entender-se em toda a riqueza do sentido bíblico (cf. Oseias 2, 21 s.; 4, 2; 6, 6; Êxodo 33, 12; Provérbios 2, 5; Salmo 87, 4; 91, 14; etc.).

Ultrapassa o plano do simples conhecimento, e designa uma “experiência” vital, pessoal, comprometendo todo o ser. O conhecimento é presença íntima de pessoa a pessoa, acolhimento e confiança mútua, comunhão de coração e de pensamento; é todo penetrado de afeição, de simpatia, de sentimento de posse recíproca aceita e querida. A Bíblia emprega-o inclusivamente para significar a união do homem e da mulher (Génesis 4, 1). Jesus não hesita em comparar a sua intimidade de bom pastor para connosco, as suas ovelhas, com aquela que existe entre o pai e ele: “... como o Pai me conhece e eu conheço o Pai”. Ora esta união é presença espiritual de um no outro; “O Pai está em Mim e Eu estou no Pai” (10, 38; 14, 10). Tal é a afinidade de Cristo com os seus discípulos. As últimas palavras da oração sacerdotal serão: Eu neles!” (17, 26).

A esta comunhão de amor, do pastor e das suas ovelhas, quem é admitido? A resposta é francamente universalista: o afecto e o amor do Pastor estendem-se a todos os homens, sem distinção de raça ou de nação. O Bom Pastor tem em toda a parte ovelhas prontas a escutar a sua voz (v. 16) e a seguir-Lo (v. 27). Quer ser o responsável por todas elas: “A essas também tenho de conduzir”. Jesus não fala em as conduzir ao redil do antigo Israel, mas em as agregar ao único rebanho que Ele conduz à vida eterna. Este rebanho é a Igreja, o único rebanho reunido sob o cajado do único Pastor.

Se Jesus volta, para terminar, ao pensamento da sua morte (v. 17 s.), é porque precisamente da sua morte nascerá este único rebanho. Como se escreve com muita felicidade, Jesus “não dá ávida por um rebanho existente, mas constitui-o ao morrer; a morte de Jesus faz surgir o novo povo de Deus” (1)¹¹. É preciso aliás não separar da sua morte a ressurreição. Porque é por ela que o bom Pastor leva ao termo a obra que lhe foi destinada pelo Pai: “É por isto que meu Pai me ama: por eu dar a minha vida, para retomá-la” (v.17). É preciso ler esta frase duma assentada e só parar depois do: para retomá-la. O Pai ama Jesus pela sua obediência até ao sacrifício de si mesmo pelas suas ovelhas, mas também pela vitória final que obteve sobre a morte e que é o termo final deste sacrifício. O Pai compraz-se neste Filho, Bom Pastor, que arranca o rebanho à dominação das trevas e da morte e o conduz, salvo, para a luz da vida. As primeiras idades cristãs detinham-se com predilecção neste aspecto da parábola do bom Pastor. Era para eles, por excelência, a parábola do Salvador e é por isso que se encontra tantas vezes representada nas criptas funerárias das catacumbas.

Jesus afirma, para concluir, a absoluta liberdade do seu sacrifício: “Dou a minha vida... Ninguém ma tira; Sou Eu que a dou por Mim mesmo. Tenho o poder de a dar e o poder de retomá-la”. Ninguém constrange o bom Pastor a dar a sua vida pela salvação das ovelhas. O seu sacrifício não é mais do que o efeito do seu amor e da sua obediência em relação ao Pai. O quarto Evangelho retoma muitas vezes este ponto capital (13, 1-3; 14, 20 s.; 17, 19; 18, 4; 19, 30). É com uma homenagem ao pai, como Fonte primeira de toda a obra de salvação, que termina o sermão de Jesus “Foi esta a ordem que recebi de

¹¹ H. Van den Bussche – “L'Évangile du Verbe, II, coll. Études Religieuses 752, Bruxel1es - Paris 1961, pagina 49.

meu Pai". Toda a glória de Jesus Bom Pastor, consiste em revelar o Pai. Nele, o amor do pai pelos homens aparece totalmente revelado e plenamente activo.

Perante o Bom Pastor, duas características distinguem as ovelhas. "As minhas ovelhas ouvem a minha voz... e elas seguem-me". A voz de Cristo é para elas a voz do Salvador que não engana; a sua palavra, a palavra do Filho a quem o Pai entregou tudo (3, 35 s.; 5, 20 s.; 10, 29; 12, 50; 13, 3; 18, 37). Elas seguem-no, obedecem, elas acreditam (3, 21, 36); elas entram na escola do pastor (6, 45); elas acompanham o Cordeiro, que é também Pastor (7. 17) para onde quer que ele vá (Apocalipse 14, 4). Elas caminham na sua luz e na esteira dos seus passos (8, 12).

TEMA Nº 8 – S. JOÃO 11, 1-54A ressurreição de Lázaro1 – Localização no Evangelho.

A narração da ressurreição de Lázaro ocupa o centro da última secção do Evangelho consagrado ao ministério público de Jesus. Depois será a paixão. Esta secção é dominada pela festa da Dedicção (10, 22), que caía no inverno, no mês de Dezembro. Nela se celebrava o aniversário da purificação por Judas Macabeu do Templo profanado por Antíoco Epifânio (1 Macabeus 4, 36, 59); 2 Mac. 1, 1-2, 19; 10, 1-8). No decorrer desta festa Jesus vê-se intimado pelos chefes Judeus a dizer claramente se é o Messias (10, 24). A sua resposta, considerada blasfema, obriga-o a retirar-se para o outro lado do Jordão (10, 25-42), à espera da sua Hora. É ali que lhe chega a notícia da doença de Lázaro.

2 – Estrutura e sentido da narração

Podem distinguir-se duas partes principais: - a doença, a morte e a ressurreição de Lázaro: 11, 1-44; - a reunião do Sinédrio que decide a morte de Jesus: 11, 45-54.

Por esta narração se vê o papel que desempenha no drama evangélico a ressurreição de Lázaro. É ela que lhe precipita o desenlace mas, também, prefigura, pelo domínio de Jesus sobre a morte, a passagem gloriosa. Adivinha-se a luz que este acontecimento lança sobre o grande problema humano da Morte...

3 – Comentário

A narração começa de maneira abrupta, tal como a do cego de nascença (9, 1). Havia um homem doente ... S. João apresenta em seguida as personagens: Lázaro e as suas duas irmãs, Maria e Marta. Maria é descrita, por antecipação, como aquela que ungiu o Senhor de perfume. O facto será só referido no capítulo seguinte (12, 1-8) mas o evangelista supõe-no já conhecido pela comunidade cristã à qual se destina o Evangelho.

A súplica das duas irmãs é um modelo de discrição: “Senhor, olha que está doente aquele de quem és amigo”. Este pedido lembra o de Maria em Caná (2, 3). É um apelo á amizade de Jesus, porque, especifica João, Jesus era amigo de Marta, de sua irmã e de Lázaro. Encontra-se aqui uma daquelas pinceladas muito humanas que abundam no quarto Evangelho, especialmente nesta narração.

A resposta de Jesus domina todo o acontecimento. Desvenda de antemão o significado: Essa doença não é de morte”. A morte não terá a última palavra. Mais ainda, esta doença vai servir para manifestar a derrota da morte. Neste sentido, é para glória de Deus; será ocasião de demonstração brilhante da presença e do poder de Deus. Cristo acrescenta: Ela deve servir para glorificar o Filho de Deus. É, efectivamente, por Cristo que Deus vai manifestar a sua glória. Segundo uma doutrina constante no quarto Evangelho é em Jesus que o Pai vai ser glorificado (cf. 13, 31 s.; 14, 13; 17, 1). Porque o pai ama o Filho: tudo entregou em sua mão (3, 35; 5, 22.26; 13, 3; 17, 2; cf. Mateus 11, 27; Lucas 10, 22); ligou a sua glória à de seu Filho (5, 23; 8, 50.54). A ressurreição de Lázaro será, como foi dito acima, a mais brilhante das suas maiores obras, que Jesus tinha predito que o pai lhes mostraria e com que os chefes judeus ficariam admirados (5, 20 s.).

A atitude de Jesus, depois de lhe terem anunciado a doença, tem o seu quê de desconcertante: ainda ficou dois dias no sítio onde se encontrava. Deixa à morte o tempo para completar a sua obra. Só então se põe a pôe a caminho. Era preciso esta espera para o Sinal que queria realizar.

A notícia da partida para a Judeia provoca verdadeiro pânico entre os discípulos. Depois das ameaças de lapidação que se seguiram ao sermão da festa das Tendias (8, 59) e da Dedicção (10, 31), a Judeia tornou-se um papão para eles. A perspectiva de voltar para lá deixa-os consternados: é como se Jesus decidisse caminhar para a morte. Daí os seus protestos: “Rabi, ainda agora procuravam os Judeus apedrejar-te e Tu vais outra vez para lá!”

A resposta de Jesus toma a fórmula de uma parábola. Compara a existência humana – que é a sua – a um dia de marcha. Enquanto é dia, pode-se caminhar sem receio: não se tropeça. Vinda a noite é outra coisa: tropeça-se porque não se tem a luz. Jesus quer dizer que Ainda não chegou a sua hora; pode dirigir-se para junto de Lázaro: o perigo só será real quando chegar a “noite”.

Da parábola, Jesus passa ao enigma. Acrescentou: “O nosso amigo Lázaro está a dormir; mas Eu vou lá para o despertar”. Os discípulos tomam estas palavras à letra: “Senhor, se está a dormir salvar-se-á...” Este género de equívocos é característico do quarto Evangelho (cf. 2, 20 s.; 4, 15; 6, 27 s.; 7, 33-36; 13, 36 s.; 14 2-6; etc.). Disse-lhes então Jesus abertamente: “Lázaro morreu e Eu, por vossa causa, estou contente por lá não ter estado, para que vós acrediteis”. Jesus revela, com a razão da sua demora em responder ao apelo de Marta e Maria, o sentido e o fim do sinal que tem intenção de realizar. Era preciso que Lázaro morresse, para se demonstrar o poder de Jesus sobre a morte; por este facto será esclarecida e confirmada a fé dos seus discípulos em face dos acontecimentos, muito próximos, da sua Paixão. A ressurreição de Lázaro fortificá-los-á mais tarde na fé em Jesus ressuscitado. Então Tomé, que é chamado Dídimos um dos apóstolos, dos qual agrada a João por em relevo a personalidade (cf. 14, 5; 20, 24-29) – dá provas duma sombria resolução. Diz aos outros discípulos: “Vamos nós também, para morrermos com Ele!” A subida do Jordão para Betânia toma o aspecto de uma marcha ao encontro da morte.

Quando Jesus chega a Betânia, Lázaro está morto e sepultado há quatro dias. Os funerais faziam-se no próprio dia do falecimento (v. 39; cf. Actos 5, 6-10). Jesus detém-se à entrada da aldeia de Betânia (v. 30), não entra em casa das duas irmãs, cheia de gente vinda para as condolências. Espera que Maria e Marta o venham procurar. Isto dá ao Evangelista ocasião para descrever a atitude e o grau de fé de cada uma delas e de relatar as palavras de Jesus que vão acabar de explicar o sinal. Marta é a primeira a apresentar-se, e dirige a Jesus terna censura que é um acto de fé: “Se cá estivesse, Senhor, não teria morrido meu irmão!” Acredita na amizade de Jesus e no seu poder sobre a doença: teria podido – e certamente querido – impedir seu irmão de morrer. Contudo ela não tem ainda fé no seu poder sobre a própria morte. É por isso que quando Jesus lhe diz: Teu irmão ressuscitará! – “Eu sei, responde Marta, que há-de ressuscitar na altura da Ressurreição, no último Dia”. Jesus tinha querido insinuar que ia ressuscitar Lázaro, mas Marta não compreendeu. Então diz-lhe Jesus: Eu sou a Ressurreição. As palavras “e a Vida” faltam em alguns bons testemunhos do texto; o que se segue contém, aliás, o equivalente. Com efeito Jesus prossegue: “Quem acredita em Mim, mesmo que venha a morrer, viverá”. A interpretação deste versículo tem as suas dificuldades: Pergunta-se de que morte se trata: física ou espiritual? Trata-se provavelmente das duas, mas primeiro da morte física, por causa do contexto.

Efectivamente Jesus vai ressuscitar Lázaro fisicamente e revelar-se, por isso, o princípio e o autor da ressurreição futura dos corpos (cf. 5,28). Mas Jesus parece visar, para além da morte física, a

morte espiritual (cf. 5, 24 s.). Doutra maneira não se vê o que significaria o versículo que segue: “E todo aquele que acredita em Mim não morrerá jamais”. Desde este momento que Jesus é para os homens o princípio de uma vida que não passará: aquele que acredita nele já passou, graças a essa mesma fé, da morte para a vida (5, 24 s.); triunfou da morte (cf. 3, 15 s.; 4, 14; 5, 40; 6, 40; 47 s.; 8, 51 s.; 10, 28; 14, 6; 1 João 5, 12).

Na expressão “Eu sou a Ressurreição” convém, portanto, sublinhar a força do Eu Sou. Jesus não é somente aquele que se impõe à morte e que dá a vida. Ele é a ressurreição e a Vida. Entrar em contacto com Ele é entrar em contacto com a própria Vida. Escutá-Lo e acreditar nele é ressuscitar e viver desde já. A ressurreição dos corpos, no último dia, não fará mais do que consumir o dom da vida eterna, concedida, desde hoje, ao crente (6, 54).

A significação do milagre encontra-se agora plenamente estabelecida. A ressurreição de Lázaro será o sinal da Ressurreição final dos homens ao apelo de Cristo, e da Vida indefectível que possuem desde já aqueles que acreditam n’Ele. É preciso ainda acrescentar que esta ressurreição é o sinal profético da própria ressurreição de Jesus; porque o Senhor da morte não pode ser vencido por ela. A morte há-de fatalmente quebrar-se contra Aquele que é a Vida (14, 6; 20, 31).

À pergunta de Jesus: “Acreditas isto?” Marta responde por uma profissão de fé, cujo alcance exacto não é evidente: parece que Marta adere com confiança às palavras de Jesus, sem todavia lhes apreender todo o significado. Acredita com todas as forças. Que ele é o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo e entrega-se-lhe cegamente.

Marta corre então a procurar a irmã: “Está ali o Mestre e manda-te chamar”. A atitude das duas irmãs revela temperamentos muito diferentes. Maria parece toda afectividade. Ao ouvir a notícia, levanta-se prontamente e vai ter com Ele. Repete as mesmas palavras de Marta. “Se cá estivesses, Senhor, não te ria morrido meu irmão!” mas caindo aos pés de Jesus a soluçar. Está despedaçada e suplicante e Jesus não resiste ao espectáculo desta dor. S. João não receia dizer que Ele se perturbou; como acontecerá na Última Ceia (13, 21).

Há uma palavra que apresenta dificuldades: S. João nota, por duas vezes, que Jesus teve um frémito no seu íntimo (v. 33, 38). Esta palavra significa um choque íntimo ligado a emoção, perturbação violenta, indignação. Encontra-se em Marcos 1, 43; 14, 5; Mateus 9, 30. Como explicá-lo? Uns pensam num momento de indignação da parte de Jesus, diante da pouca fé que encontra; outros, uma espécie de cólera diante dos estragos da morte e do pecado. Fosse como fosse, Jesus, perturbado, chora. À vista destas lágrimas, tão humanas, os que estavam presentes dividem-se em duas categorias. Uns, sensíveis a tanta humanidade, reconhecem com simpatia, como era profunda a sua amizade a Lázaro; diziam então: “Olhem como Ele o estimava!”. Outro admiravam-se, não sem maldade que, tendo curado o cego de nascença, não tivesse impedido a morte do seu amigo.

Jesus, manifestando de novo um frémito, pediu para o conduzirem ao túmulo de Lázaro. Apesar da observação de Marta – ainda incrédula, parece, mas firmemente chamada à fé – Jesus manda tirar a pedra do túmulo. A oração que então pronuncia em voa alta, diante de toda a assistência, só tem um fim: Manifestar publicamente em acção de graças, a união do Filho com o Pai, que o ouve sempre, e por ela apresentar antecipadamente o milagre como Sinal que deverá convencer aqueles que são testemunhas da missão de Jesus: para que acreditem que Tu me enviaste. Considerado no âmbito desta oração, o milagre aparecerá como a pura manifestação da glória de Deus (v. 40) ou, mais precisamente da glória do pai revelando-se no Filho. Será a ilustração viva do discurso de 5, 19-30. C. H. Dodd

mostrou, entre outras coisas, o paralelismo estreito que existe entre a descrição da ressurreição de Lázaro (v. 43) e o passo 5, 28.

A ressurreição de Lázaro é narrada sobriamente: “Bradou em alta voz: “Lázaro, vem para fora!” O morto saiu, ligado de pés e mãos com ligaduras e a cara envolta num lençol”. Mas esta sobriedade ultrapassa em vigor a narração da visão de Ezequiel 37, 1-10. O acontecimento completa o ensinamento do quarto evangelho sobre Jesus e do dom da Vida. O poder de vivificar, concedido a Jesus pelo Pai (5, 26), estende-se a todo o homem, até no seu corpo. A ressurreição dos mortos no último dia, à voz de Cristo, será o remate da obra de vida que o pai realizou pelo Filho (5, 28; 6, 39 s.).

Como na conversa com Nicodemos, igualmente a narração da ressurreição de Lázaro termina, bruscamente, sem a menor indicação sobre os sentimentos de Lázaro e das suas irmãs. O Evangelista deixa o leitor com estas palavras: “Desligai-o e deixai-o ir” Fiel ao seu propósito essencialmente teológico, João interessa-se, pelo contrário, com a reacção de fé de muitos do judeus, assim como das diligências de alguns junto dos Fariseus. Estas dão origem a uma reunião extraordinária dos membros do Sinédrio. Os sumos-sacerdotes e os fariseus reuniram-se em conselho e diziam: “Que havemos de fazer?...” Os Judeus que pediam a Jesus, no começo do seu ministério o sinal que justificaria a sua atitude contra os vendilhões do Templo (2, 18; cf. 6, 30) decidem hoje a sua morte, precisamente – exemplo da ironia joânica – porque faz mitos milagres e com demasiado esplendor... Fingem rezear um movimento messiânico, que provocaria reacção violenta da parte dos Romanos (cf. 19, 12) e poria em perigo o Lugar (Santo), isto é provavelmente o Templo e a própria existência da Nação judaica. As palavras de Caifás, que pedem a morte para Jesus, como salvaguarda da nação, soam aos ouvidos de S. João e de todo o cristão como uma profecia da Redenção. Caifás proclama, sem o saber, o próprio sentido da morte de Jesus: com efeito Ele devia morrer para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos.

A partir desse dia, conclui S. João, deliberaram eles dar-lhe a morte. Jesus, por isso, já não andava abertamente entre os judeus.